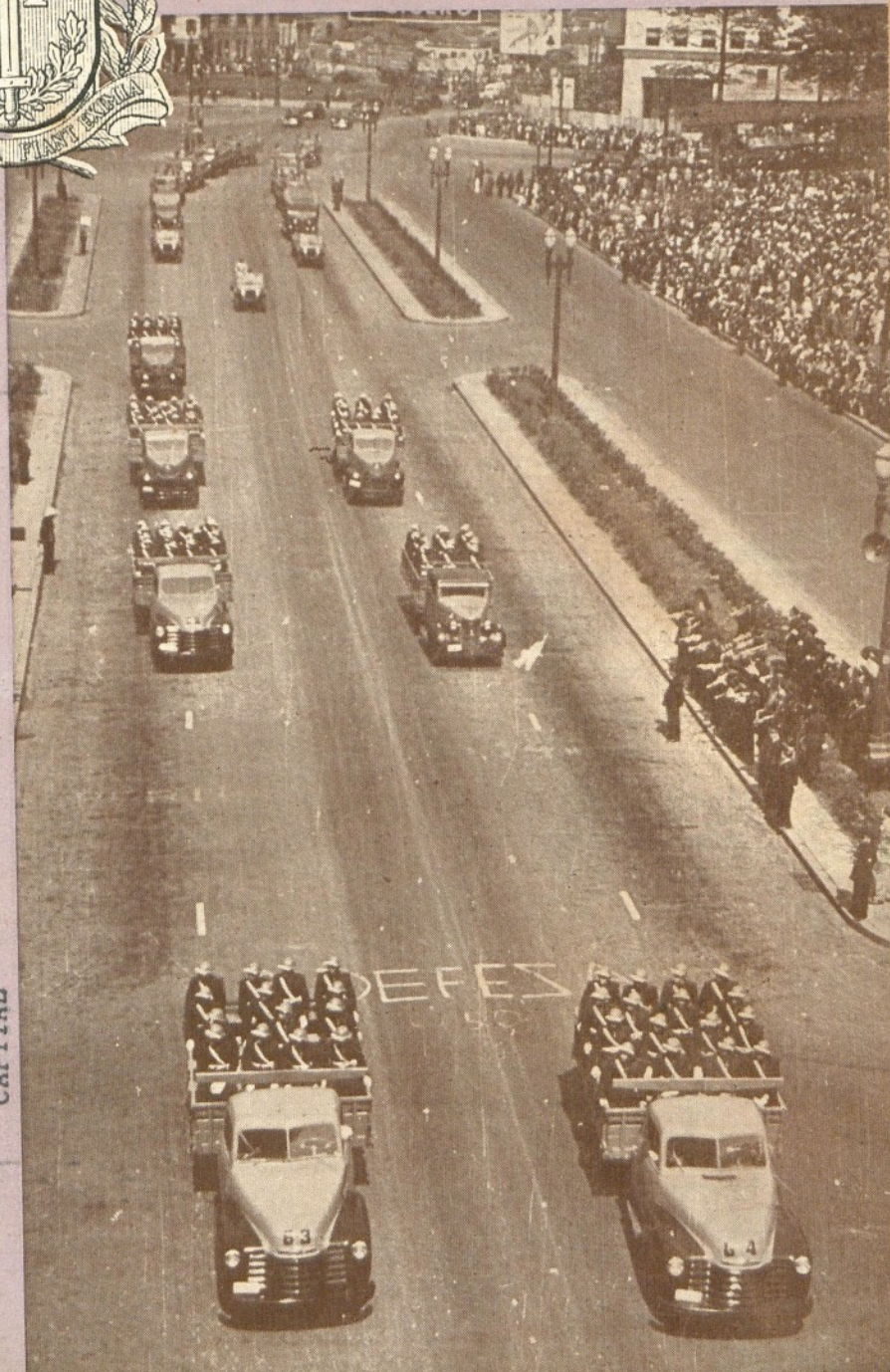


militia

ANO II N.º 10
MAIO — JUNHO DE 1949



1587/7-12
Ilmo. Snr.
Major RUBEENS TEIXEIRA BRANCO
Quartel General
CAPITAL

SUMÁRIO

NOSSA CAPA

No Anhangabaú — 1.º desfile do Batalhão Policial, a unidade caçula da Fôrça Pública.

EDITORIAIS

Reorganização do Corpo de Bombeiros	7
Oração que fica	24

DIVERSOS

Véspera de São João — Paulo Monte Serrat	5
Ecce Homo — ten. cel. Peres Barbosa	25
In memoriam — 1.º ten. F. A. Bianco Júnior	33
Proçuremos o nosso caminho — ten. Francisco de Assis Veloso	35
Polfcia Militar do Piauí — cap. Vasques Filho	38
Dois autores; duas obras — 1.º ten. Sérvio Rodrigues Caldas	40
Bigodes... — cel. Anchieta Torres	44
Obsessão — 1.º ten. Felix Barros Morgado	46
Alfarrábios — cel. Sebastião Amaral	49
Legislação e Administração — cap. José Arimatéia do Nascimento	77

NOTICIARIO

Recepção no Regimento de Cavalaria	52
Cadetes do ar, da França, visitam o C.I.M.	53
Comemorando Riachuelo	54
Baile Caipira	55
Baile de S. Pedro do C. S. Sargentos	56
Cap. boliviano e camaradas de outros Estados	57
Promoções	58
Abreviando a expedição	60

EDUCAÇÃO FISICA E DESPORTOS

Torneio de Inverno da Fôrça Pública	61
Festa da esgrima a um esgrimista de escól	65
Corrida da Fogueira	70

RECREAÇÃO

Secção de Édipo	73
Página Humorística	76



militia

(Revista publicada na Fôrça Pública do Estado de São Paulo, de acôrdo com o art. 2.º F, do Estatuto do CMFPSP)

Sr. Diretor de "MILITIA"
Avenida Tiradentes, 1088 — São Paulo

Solicito-lhe uma assinatura de MILITIA, em pagamento
da qual junto a esta a quantia de Cr. \$ em
..... (valor declarado, cheque ou
vale postal)

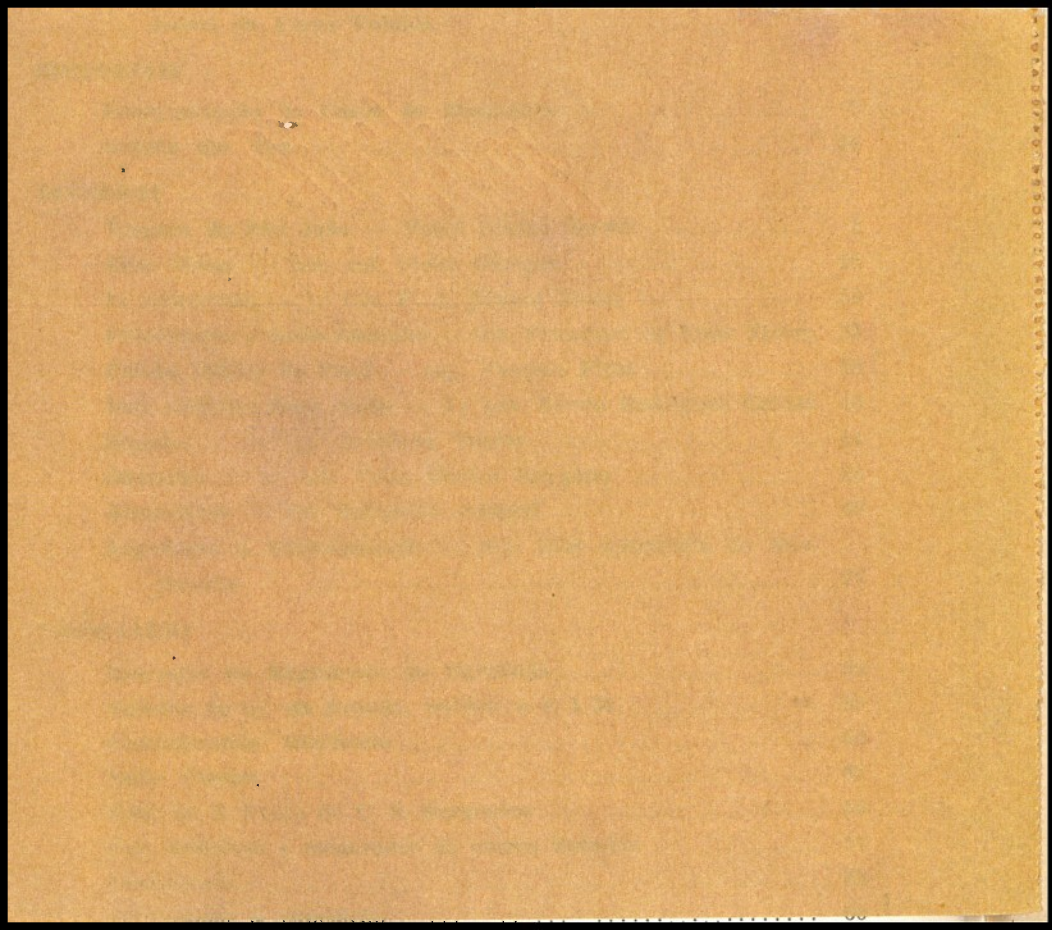
(Assinatura)

Nome

Rua N.º

Cidade

Estado



**E'
UM AUXILIAR
COMPETENTE
MAS...**



... não pode subir. Os superiores não lhe apreciam a presença pelo seu mau-cheiro

SUA ABUNDANTE TRANSPIRAÇÃO, apesar dos banhos freqüentes, azeda com facilidade, daí as desagradáveis emanações. Combata-as com **Lysiform**: é um desodorizante que penetra nas glândulas sudoríparas, exercendo ação antipútrida. Aplicado em solução, nas axilas, nos pés, nas demais partes suarentas, elimina o mau-cheiro e proporciona agradávelíssimo bem-estar.

LABORATÓRIOS LYSOFORM S. A.
São Paulo — R. Taquari, 1338 ★ Rio — R. Lavradio, 70-A

LYSOFORM

ANTISSÉPTICO E DESODORANTE AROMATIZADO

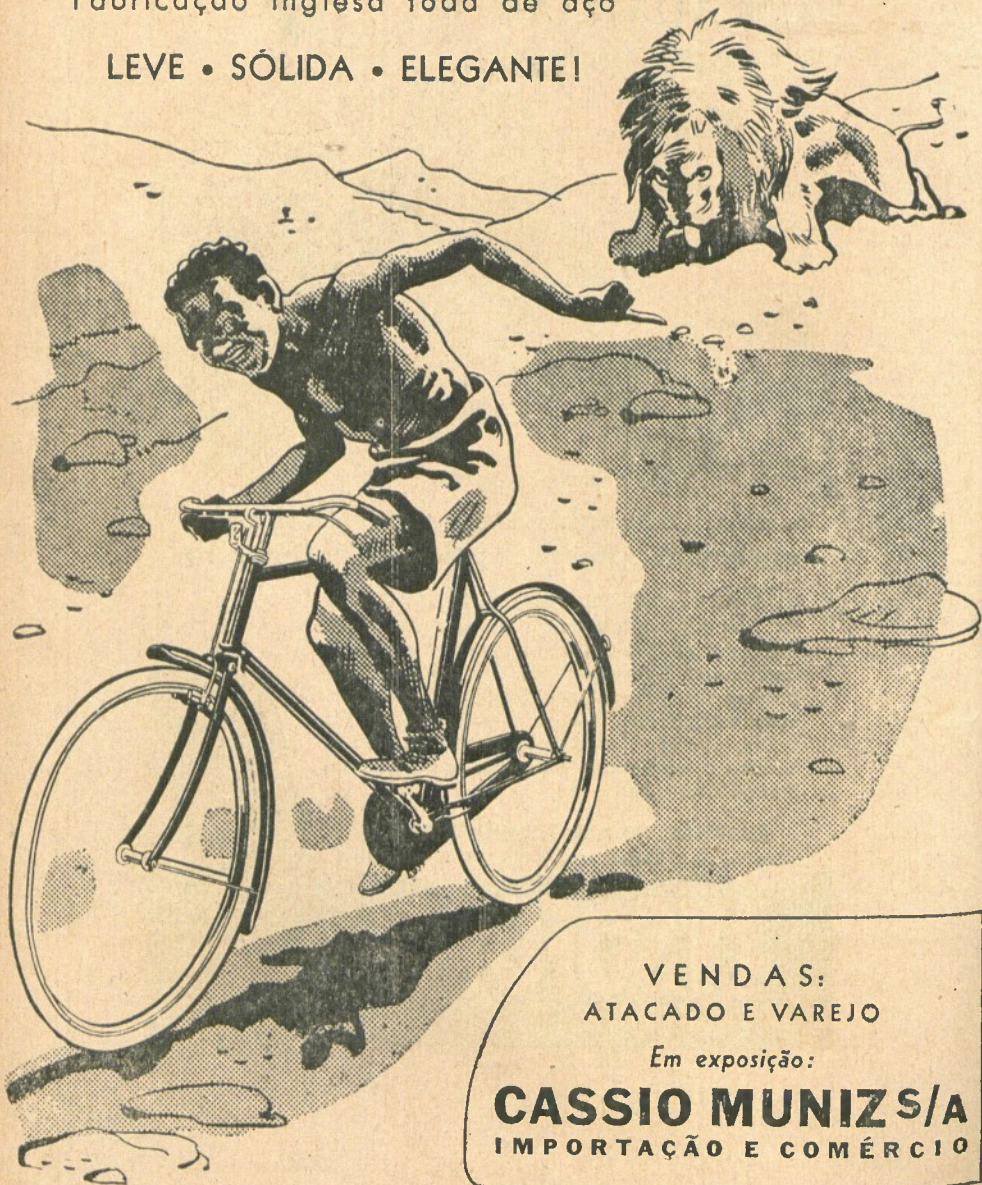


Penam — Casa de Amigos

RALEIGH

A bicicleta de renome universal
Fabricação inglesa toda de aço

LEVE • SÓLIDA • ELEGANTE!



VENDAS:
ATACADO E VAREJO

Em exposição:

CASSIO MUNIZ S/A
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 309 - SÃO PAULO

Militia

REVISTA PUBLICADA NA FÓRÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO
DE ACÓRDO COM OS ESTATUTOS DO C.M.F.P.S.P.

Redação e Administração: — Avenida Tiradentes, 1088 —
Fone 4-8171, ramal 299.

A N O II — MAIO/JUNHO DE 1949 — N.º 10

DIRETOR: — cel. Coriolano de Almeida Júnior
REDATOR-CHEFE: — .. ten. cel. adm. Aparício de Barros Messias
SECRETARIO: — 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho.
GERENTE: — cap. Francisco Vieira Fonseca
TESOUREIRO: — cap. Nelson de Carvalho Rosa

REDADORES: —

cap. Arrisson de Souza Ferraz
cap. Efraim Bratfisch Lastebasse
Cap. Ubirajara da Silveira
1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos
2.º ten. Hildebrando Chagas.

Assinatura anual	Cr. \$ 25,00
Assinatura semestral	Cr. \$ 15,00
Número avulso	Cr. \$ 5,00

- * "Militia" destina-se a tratar de assuntos técnicos policiais-militares e culturais em geral.
- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- * Pede-se que os originais sejam datilografados, com espaço duplo, sendo que não serão devolvidos, mesmo quando não publicados. Pede-se ainda sejam entregues à redação, no endereço acima.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

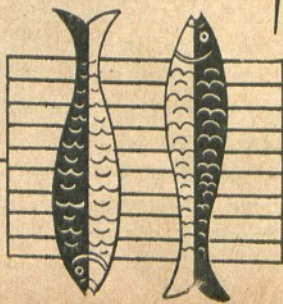
Entre os oleos nacionaes



está conquistando a preferência de todas as donas de casa, o

ÓLEO
Yandi
DE AMENDOIM

..... utiliza as altas qualidades nutritivas do óleo de amendoim e acrescenta-lhes, graças à refinação e desodorização científica, por um processo especial, um sabor tradicional de agrado ao paladar brasileiro. "Yandi" é extremamente economico e de facil digestão.



Véspera de São João

PAULO MONTE SERRÁT

Desta feita pareceu que, perdoem-nos a força de expressão, os balões subidos da terra foram maior número do que o das estrelas do céu.

Aqui na Capital, quando o sol se aproximava do ocaso, aviões de treino se deleitavam, lá no alto, cortando com suas asas os balões mais atrevidos.

À noite, em inúmeros lugares, ardiam fogueiras, em tórno das quais dansavam jovens e adultos, fantasiados de tabaréus, aos sons das orquestras improvisadas, após casamentos à moda do roça.

Nos salões e terreiros balouçavam à brisa, bandeirolas de variadas côres e nos arcos de bambús notavam-se lanternas que sara-pintavam de luz colorida o ambiente.

Riscavam o espaço foguetes que zigzagueavam como as serpentes de fogo do deserto, das quais nos fala a lenda bíblica, ou fogos de artifício que iluminavam ofuscantes.

Os mais frios animavam-se com a mistura de caninha, cravo, canela, gengibre e açúcar queimado, conhecida pelo nome de "quentão".

Em meio ao alarido dos que reclamavam batata assada, pipóca, churrasco e das canções em louvor ao Santo, sanfonas, violões, flautas, marcavam quadrilhas, polcas, mazurcas num misto de sertanismo e cidadismo, mas refletindo o que ia, também lá no sertão longínquo.

A imaginação passeava, então pelo tempo e espaço, até que um balão rotundo, ao nosso lado, era largado ao léu. E a esfera inflada de gás rodopiou na deslocação de ar da lenha incendiada e ganhou o espaço sob vivas da multidão e ao espoucar de girândolas.

Impulsionado pelo rôlo da fumarada e das labaredas faiscantes da caieira, ascendeu até sumir de vistas.

Quando imergiu na escuridão, pensámos: faltou-lhe o lume, caiu como tudo cai neste mundo.

Balões havia que não chegavam a desprender-se das mãos dos que os pretendiam soltar; outros mal subiam alguns metros, incen-

diavam-se sob os Oh! dos presentes; outros, ainda, apagavam-se na subida; os mais pesados, nem bem soltos eram perfurados pelas pelotadas dos estilingues infantis.

Balões bem feitos subiam rápidos. Às vèzes, às rajadas de ventos das correntes aéreas, inclinavam-se tanto que terminavam no clarão da queimã e do rasto luminoso riscado pela torcida inflamada, na abóbada plúmbea do firmamento.

Balões furados ou fabricados em papel defeituoso de perfurações mínimas não subiam, escapava-se-lhes o gás.

Vimos balões enfeitados, balões simples, pobres, redondos ou esguios, coloridos, ou pálidos, de formatos diferentes mas, todos de papel, cada um com sua sorte, refletindo grande parte da Humanidade, na ânsia de ascender.

Os que voltavam à terra e eram estraçalhados pela criançada da rua, tinham as paredes internas negras.

Mais um a chamar-me a atenção: muito grande, tão grande que para soltá-lo o que seguiu no seu vértice teve que subir ao telhado da casa. Prêso à boca, a corrente de pequeninas lanternas caídas verticalmente e outra corrente de bastonetes de fogo cognominados chuvas de prata e de ouro; pronto para a ascensão, acendeu-se tuto.

Espetacular visagem! Mas, eis que um dèsses foguetes gigantes de bomba de grande explosão, atirado, por certo, para chamar a atenção do que se achavam mais distantes, alcançou o lindo balão e estourou, que terrível acaso, em meio à esfera.

Balão inflado, cheio de si, voltou ao lugar comum.

Balõezinhos leves e levianos, também subiram e caíram.

Mas passaram os dias dos balões.

Voltaram a brilhar no firmamento: o Sol, a Lua, as estrélas, astros ou panetas, aqueles de luz própria, êstes de fulgor emprestado, porém, iluminado sempre, que o Creador os fêz para resplandecerem eternamente.

Entre os homens há os que, também, deixam de ser balões e brilham mesmo ou mais, depois de mortos, pois, a luz que os aureolou não era de torcidas, mas, de incandescência imanente nunca conquistadas pelas esferas de gás.

Prefiro uma calada sabedoria a uma ignorante loquacidade.

(Cícero)

Reorganização do Corpo de Bombeiros

Mais uma vez "MILITIA" não haveria de silenciár. Está em foco o interessante quão minucioso documento em que s. excia. o Comando Geral da Fôrça Pública, tratando da reorganização do Corpo de Bombeiros, apresenta o assunto à Comissão de Vereadores da Câmara Municipal paulistana, especialmente encarregada de o estudar.

A transcendental importância da matéria fêz com que "MILITIA" a trouxesse para as suas páginas. Ei-la:

EXPOSIÇÃO DO ASSUNTO

PROJETO DE LEI MUNICIPAL

- 1.^a Parte — Razões justificativas;
- 2.^a Parte — Localização das Estações e Postos;
- 3.^a Parte — Organização necessária para guarnecer as Estações e Postos;
- 4.^a Parte — Cálculo dos encargos atribuídos à Prefeitura Municipal;
- 5.^a Parte — Argumentos que justificam a apresentação de substitutivo ao Projeto de Lei Municipal n.º 68 — 49 e possibilidades de adaptação do plano sugerido pelo Comando Geral da Fôrça Pública, consoante os meios de que disponha o Município.

PROJETO DE LEI

Artigo 1.º — Fica o poder Executivo Municipal autorizado a contratar, por trinta anos, com o Poder Executivo Estadual, a execução dos serviços de extinção de incêndios e de salvação no Município da Capital.

Artigo 2.º — O poder Executivo Municipal poderá realizar o contrato, entrando em entendimento com o Comandante Geral da Fôrça Pública do Estado, observadas as seguintes bases:

a) — o atual Corpo de Bombeiros (C.B.) da Fôrça Pública será remodelado e redistribuído em estações e postos pela Capital, segundo plano a ser executado em duas fases, de modo a atender cabalmente às necessidades da população;

b) — a mesma Corporação continuará subordinada ao Comando Geral da Fôrça Pública, correndo por conta desta o treinamento e a instrução técnica dos homens;

c) — sem prejuízo dos serviços de extinção de incêndios e de salvação, poderão os elementos do Corpo de Bombeiros ser empregados em serviços policiais extraordinários, em situações excepcionais, a juízo do Comando Geral da Fôrça Pública do Estado;

d) — como decorrência do disposto na alínea anterior, durante a vigência do contrato, obrigar-se-á o Estado a custear as despesas conseqüentes;

1) — da formação de bombeiros;

2) — do fornecimento de fardamento e alimentação dos homens;

3) — dos serviços atinentes a fundos e contabilidade;

4) — da prestação aos elementos do C.B. de assistência social e médico-hospitalar;

5) — da inatividade definitiva do pessoal;

6) — do serviço (mão de obra) de manutenção do material automóvel e especializado;

7) — da aquisição do material de expediente;

e) — O material automóvel e especializado, agora existente no Corpo de Bombeiros, passará a pertencer ao Município e, na vigência do contrato, os próprios estaduais atualmente ocupados pelo C.B. nas ruas Anita Garibaldi, Major José Bento e Barão de Piracicaba continuarão a ser usados para os mesmos fins;

f) — O Município, a partir da vigência do contrato, obrigar-se-á a custear as despesas conseqüentes da remodelação e manutenção do Corpo de Bombeiros no que concerne:

1) — à aquisição de material permanente, inclusive automóvel, especializado e de transmissões e o que for necessário para a reorganização do C.B. ;

2) — à construção ou adaptação de novos quarteis destinados às estações, sub-estações ou postos de bombeiros, de acôrdo com as necessidades técnicas do Corpo de Bombeiros;

3) — ao pagamento de vencimentos do pessoal, até 1.500 homens, na mesma base dos que forem pagos aos elementos da Fôrça Pública;

4) — à aquisição de material especial de consumo (mangueiras, substâncias químicas, gasolina, óleo, etc.), necessário à manutenção do Corpo de Bombeiros;

5) — à conservação, ampliação ou readaptação dos imóveis ocupados pelo C.B. ;

g) — O Município se reservará o direito de fiscalizar, através de um seu representante, as atividades do Corpo de Bombeiros no que concerne à prestação de serviços de extinção de incêndios e de salvação;

h) — o contrato preverá que o Estado, por meio do Serviço de Fundos da Fôrça Pública, preste contas, anualmente, do emprêgo das verbas com que contribuirá o Município, para a manutenção do Corpo de Bombeiros;

Art. 3.º — A despesa a cargo da Municipalidade, para a manutenção do Corpo de Bombeiros, será fixado anualmente, podendo ser alterada, mediante acôrdo com o Estado, segundo as possibilidades financeiras do Município e consoante o efetivo e organização que esta reclamar da Fôrça Pública para o Corpo de Bombeiros.

Art. 4.º — Fica aberto, no presente exercício, o crédito especial de Cr. \$ 28.810.000,00, para atender, em 1949, às despesas decorrentes da presente lei, com a execução da primeira fase de reorganização do Corpo de Bombeiros da Capital.

Art. 5.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Justificativa do Projeto de Lei Municipal, sugerido pelo Comando Geral da Fôrça Pública, que autoriza a Prefeitura de São Paulo a contratar com o Poder Executivo Estadual, nos têrmos da Lei n.º 118, de 27-VII-1948, a execução dos serviços de extinção de incêndios e de salvação.

Consoante dispõe o art. 16, item XIII, da Lei n.º 1, de 18 de setembro de 1947, compete aos municípios prover sôbre extinção de incêndios. Para êsse fim poderão êles criar órgão especial ou contratar a execução dos serviços.

Entretanto, a complexa organização e manutenção do serviço de bombeiros, à exclusiva conta do município, encontra obstáculos de vulto. Dentre êles é de considerar-se desde logo, o que impossibilita, no âmbito municipal, a estruturação de qualquer corporação de bombeiros com base na disciplina militar. Ora, não se pode compreender um mistér, cuja natureza implica abnegação, sacrifício, ordem, hierarquia e métodos militares, sem que se revista êle da coercibilidade oriunda da disciplina militar, cujos variados meios de compêlir o individuo ao estrito cumprimento do dever culminam com a justiça especial, ministrada por tribunal próprio. De outro lado ressalta, de pronto, a dificuldade com que contará o município, caso

se disponha a organizar instituição própria para atender aos serviços de extinção de incêndios e de salvação. O fato ocasionaria graves embaraços aos Poderes Municipais, pois implicaria, como consequência imediata, em se verem eles na contingência de inaugurar sistema específico de direção para órgão de vulto, com diretrizes características, problema que se não enquadra nas normas correntes da administração municipal. Calcule-se, também, quão vultosa seria a verba para a manutenção dos serviços, atentando-se para as despesas decorrentes da assistência a ser prestada aos homens e para o fato de que os riscos e o prematuro desgaste físico, oriundo da rudeza da tarefa, cedo enriquecem as fileiras da inatividade remunerada.

Evidentemente, por força dos argumentos expostos e atendendo a outras razões é que os Poderes Estaduais, com a vigência da Lei n.º 118, de 27-VII-1948, possibilitaram aos municípios a oportunidade de contratarem com o Estado a execução dos serviços de extinção de incêndios e de salvação. Tal solução desonera os municípios, particularmente o da Capital, de um complexo problema de ordem técnica e econômica, ao mesmo tempo que lhes permite contar, a baixo preço, com eficiente corporação, alicerçada na organização militar, coisa sem a qual seria temerário prever-se satisfatório desempenho das arriscadas e árduas missões atribuídas aos bombeiros.

O Projeto de Lei que ora se submete à apreciação da digníssima Comissão de Vereadores da Egrégia Câmara Municipal de São Paulo, atende plenamente aos altos interesses do Estado e do Município, particularmente se considerarmos o entrelaçamento dos mesmos por ser São Paulo séde do Governo da Unidade Federada e base militar, por força de dispositivo constitucional, já regulamentado em lei federal. Ante a correlação daqueles interesses e até da própria União, no que concerne ao aspecto defesa passiva e dado o fato de poder-se contar com o Corpo de Bombeiros de São Paulo (cêrca de 1.500 homens) como valiosa reserva instruída e disciplinada para a manutenção da ordem e da segurança pública, é que se propõe o Estado a contribuir grandemente para a manutenção dos serviços de extinção de incêndios e de salvação na Capital. Só assim, podendo também, contar com o Corpo de Bombeiros, em situações excepcionais, poderá o Estado ser onerado, pois se os serviços daquele Corpo se destinarem exclusivamente ao Município, não poderá haver onus para o Estado por força da Lei n.º 118, de 27-VII-1948.

Positivamente trata-se de inteligente política econômica, eis que sem prejuizo da missão precípua (extinção de incên-

dios e salvação), que só excepcionalmente exige todo o efetivo de bombeiros, nada obsta que se utilize a unidade, quando necessário, num esforço extra no serviço policial. De outro lado, com a divisão de encargos, será possível cabal reestruturação do Corpo de Bombeiros em modernos moldes, coisa de indiscutível necessidade.

Para salientar as vantagens que auferirá o Município da Capital se fôr aprovado a fórmula aventada no ante-projeto que se propõe, passaremos a expor o que oferecerá o Estado ao Município;

1.º — **Formação de Oficiais, Graduados e Praças de Bombeiros, inclusive especialistas, através das escolas com que conta a Fôrça Pública** — Não se ignora a complexidade do problema atinente à formação dos homens para a execução dos peculiares serviços de bombeiros. Envolve êle questões de ordem técnica, administrativa e econômica. Ressalta, pois, o grande benefício que o fato propiciará ao município.

2.º — **Fornecimento de fardamento e alimentação ao pessoal (cêrca de 1.500 homens).** — Sem dúvida, vultosa economia será feita pelos cofres municipais, no que respeita a êstes fatores da manutenção do Corpo de Bombeiros. Não só contribuirá o Estado com enorme verba para uniformização e alimentação dos homens, através dos serviços especializados da Fôrça Pública (Serviço de Intendência e de Subsistência), como evitará outros dispêndios municipais, conseqüentes da necessidade da instalação de órgãos congêneres.

3.º — **Serviços atinentes a fundos e contabilidade.** — O processamento de tôdas as atividades relativas a fundos e contabilidade, bem como a aquisição, emprêgo e prestação de contas do material será feito pelo Estado que para isso conta com o Serviço de Fundos da Fôrça Pública, além de outros órgãos técnicos. A providência, possibilitando fiscalização por parte da Prefeitura no que tange a assuntos de seu particular interêsse, a exime de destinar grandes verbas para a organização de serviços similares.

4.º — **Assistência Médico-Hospitalar aos elementos do C.B. e famílias respectivas.** — Contando a Fôrça Pública com o Hospital Militar, Cruz Azul e Ambulatório, dispõe-se o Estado, por meio dêsses órgãos, a propiciar aos elementos do Corpo de Bombeiros e famílias correspondentes a imprescindível assistência médico-hospitalar.

A amplitude dessa contribuição, oferecida ao município no caso de efetivar-se o contrato para a execução dos serviços

de extinção de incêndios, é, evidentemente, de grande monta, mormente se atentarmos para o fato de que são permanentes os riscos a que estão sujeitos os homens na execução daquêles misteres. E é certo que as despesas decorrentes de acidentes correrão por conta do Estado.

5.º — **Prestação de Assistência Social.** — Através de órgãos especializados existentes na Fôrça Pública (Caixa Beneficente, Clubes Militares, Associações de Assistência Mútua e Secção de Assistência Social do Gabinete do Comando Geral) incumbir-se-á o Estado de prestar assistência social aos elementos do Corpo de Bombeiros e às famílias dos mesmos. Sem dúvida, além de grande economia, possibilita a medida tranquilidade dos poderes municipais no que respeita a êsse importante aspécto, que reflete de perto na vida funcional do homem.

6.º — **Encargos oriundos da inatividade do pessoal.** — Incumbe-se o Estado do onus resultante da inatividade dos homens, por reforma ou passagem para a reserva. A medida, como se constata desde logo, oferece incalculável vantagem ao município, pois é sabido que a função de bombeiro impõe a aposentadoria prematura do homem, eis que êle, mercê da singular aspereza da tarefa, muito cedo para ela se incapacita. Ademais, considere-se que parte do efetivo nem mesmo atinge todo o pequeno período de produção, em consequência de antecipada invalidez, decorrente de freqüentes acidentes.

Ao Estado o fato não acarreta maiores prejuizos, se integrado o Corpo de Bombeiros na Fôrça Pública, dado que, inabilitado o homem para o exercício das tarefas peculiares a bombeiros, será êle aproveitado no âmbito da Fôrça, onde variadíssimo pode ser o seu emprêgo, em funções compatíveis com o estado físico, sendo substituído no C.B. por elemento jovem e perfeitamente capaz. Acrescente-se à grande conveniência, para o município, por sí só evidente, a circunstância de liberar-se êle de mais um problema consequente: a organização e manutenção de serviços atinentes ao pessoal aposentado.

7.º — **Material automóvel e especializado agora existente.** — A fórmula proposta permite ao Município o uso de todo o material automóvel e especializado, agora existente e em uso no Corpo de Bombeiros. Avalie-se bem o que isso significa, partindo-se da premissa de que aquele material está orçado em cêrca de vinte milhões de cruzeiros! E a sua renovação tem sido constante, sendo de afirmar-se que, só em 1948, gastou o Estado perto de três milhões de cruzeiros de material permanente e especializado para o C.B.

8.º — **Manutenção do material automóvel e especializado.** — Pelas oficinas centrais de manutenção da Fôrça Pública (de mecânicos, de automóveis, de transmissões, de correaria, de carpintaria, etc), devidamente aparelhadas para os fins a que se destinam, dispõe-se o Estado, consoante a proposta ora apresentada, a encarregar-se da manutenção de todo o material automóvel e especializado do Corpo de Bombeiros. E' óbvio que o fato constituirá medida de grande alcance econômico para os cofres municipais, mormente considerada a circunstância de não haver solução de continuidade na execução dos serviços, durante o tempo do contrato.

9.º — **Material de expediente.** — Continuará o Estado a incumbir-se do fornecimento do material de expediente, padronizado na Fôrça Pública e necessário ao Corpo de Bombeiros. A medida é conveniente para que não pareça a standardização já conseguida nesse setor.

10.º — **Aquartelamentos atuais da Estação Central e da Segunda e Terceira Zonas.** — Finalmente os próprios estaduais atualmente ocupados pela Estação Central (rua Anita Garibaldi) e 2.ª e 3.ª Zonas do C.B. (Cambuci e Campos Elíseos) continuarão a ser utilizados para os mesmos fins. E' uma contribuição de grande alcance que o Estado presta ao Município, pois os imóveis focalizados constituem, como não se ignora, patrimônio altamente valorizado.

Além do que ficou especificado necessariamente outros benefícios de menor monta advirão para o município, caso se disponham os Poderes Municipais a adotar as sugestões que agora submetemos à sua alta apreciação.

Analisemos agora os encargos naturais que caberão ao Município, solucionado o problema como se propõe. Serão eles incomparavelmente menores do que os resultantes de qualquer solução atinente ao caso, estritamente no âmbito municipal. Sem entrar na análise de quaisquer proposições que nesse sentido pudessem ser aventadas, afirmamos, desde logo, que nossa sugestão, consultando os interesses estaduais e municipais entrelaçados, propiciará ao Município a economia anual de algumas dezenas de milhões de cruzeiros e a eximirá de um complexo problema de ordem técnica, ao mesmo tempo que possibilitará ao Estado contar com o Corpo de Bombeiros como valiosa reserva para emprêgo em situações excepcionais, relativas à manutenção da ordem pública.

Ao Município da Capital, como adiantámos, caberão obrigações que serão as seguintes:

- 1.º — pagamento de vencimentos ao pessoal;
- 2.º — aquisição de material automóvel e especializado inclusive de transmissões, a partir da vigência do contrato;
- 3.º — aquisição de material especial de consumo (mangueiras, substâncias químicas, gasolina, óleo, etc.); necessário à manutenção do C.B.;
- 4.º — construção de novas Estações, Sub-Estações e Postos, de acôrdo com a plano a ser desenvolvido e esboçado em anexo.

Os gastos decorrentes de tais compromissos, a serem assumidos pelo Município, decrescerão progressivamente até que se estabilizem com a realização do plano completo.

Assim é que, inicialmente, as despesas serão maiores, pois haverá necessidade de construir-se mais aquartelamentos e de completar-se a dotação de material permanente. Mesmo assim, qualquer cálculo levar-nos-á à convicção de que sobram razões em favor da adoção da fórmula proposta.

Os documentos apresentados a seguir indicam a organização que terá o Corpo de Bombeiros ao atingir-se a fase final de remodelação, se efetivado o contrato, assim como discriminam as etapas sucessivas a serem atingidas, até a cabal realização do plano.

Conseguido o desiderato, garantir-se-á para a cidade de São Paulo modelar organização de bombeiros, não só sob o aspecto técnico, mas também sob o administrativo, mantida a unidade enquadrada no secular sistema administrativo da Força Pública. Fugir dessa órbita, aliás, seria elaborar em êrro, pois o aperfeiçoamento no setor da administração do C.B. há que processar-se dentro do conjunto harmônico que caracteriza o entrelaçamento das unidades da Força, entre as quais sempre se incluiu o Corpo de Bombeiros.

Só estribados em processos experimentais progressivos é que obteremos o aprimoramento da técnica profissional e administrativa.

Localização das Estações e dos Postos de Bombeiros

Aquisição de material e aumento do pessoal — Aceito por hipótese, em razão da justificativa apresentada, o projeto de lei relativo à execução dos serviços de extinção de incêndios e de salvação, ora sugerido pelo Comando Geral da Força Pública, de pronto surgirão alguns problema de ordem técnica a demandarem solução. Entre êles, dois precisam desde logo ser

focalizados para conhecimento seguro da Comissão encarregada de estudá-los. Ei-los:

- 1.º — Localização de outras Estações e dos Postos de Bombeiros;
- 2.º — Aquisição do completamento do material permanente, necessário ao Corpo de Bombeiros e aumento do Pessoal.

Analisemos parcialmente êsses problemas para chegarmos a conclusões seguras e fixarmos os meios necessários à concretização do plano.

A localização das estações e postos de bombeiros, evidentemente, não pode resultar de obra do acaso, nem poderá cingir-se a contingências eventuais, tais como aproveitamento de terrenos baldios do Município ou de doações de glebas para aquêlê fim, sem que o local ofereça as condições indispensáveis à boa instalação técnica dos quartéis. Antes de mais nada ela deve ser ditada em função de dois fatores fundamentais e predominantes;

- 1.º — encontrar-se o terreno para construção do quartel no centro das zonas mais sujeitas a incêndios;
- 2.º — estar êle nas proximidades da via urbana preferencial importante.

O plano agora sugerido para a localização baseou-se naqueles fatores. Assim é que para determinar os locais aproximados das estações e postos procedeu-se da seguinte maneira:

- a) considerada a estatística de incêndios em tôda a cidade, a em um período determinado, foram os dados representados gráficamente numa carta onde se podem verificar em que é maior a incidência de incêndios;
- b) a seguir, através de reconhecimento pormenorizado, anotou-se com pontos, na mesma carta e nas zonas mais perigosas, o local das principais indústrias, dos maiores depósitos de materiais combustíveis ou inflamáveis e dos grupos de habitações em cuja construção se empregou mais madeira.

As zonas em vermelho mais forte e onde maior foi a densidade de pontos indicaram, seguramente, os locais aproximados das estações de bombeiros. As representadas em vermelho menos denso e que acusaram maior número de pontos, mostraram onde deviam situar-se os postos de bombeiros. Dessa conclusão lógica e do cuidadoso exame que se fêz das vias urbanas preferenciais, de capital importância para facilitar as corridas para o lugar do sinistro, resultou a fixação

definitiva das regiões destinadas às estações e postos, sobre a carta, quando concluído o plano, sendo certo que, assim, disseminado, ficará o Corpo de Bombeiros com muito maior eficiência. Os precisos locais, dentro da região, serão escolhidos em época oportuna.

Por meio de outra carta poder-se-á verificar que a situação atual daquela Corporação é sobremodo precária no que tange à instalação. São demasiadamente extensas as regiões sob a ação de cada zona de bombeiros e as estações respectivas não estão satisfatoriamente situadas. A estação do Cambucí, por exemplo poderá servir, na melhor hipótese para um posto.

A aquisição do completamento do material permanente (necessário ao Corpo de Bombeiros) e o aumento do pessoal são outros encargos que caberão ao Município, caso sejam tomadas as medidas agora propostas. É óbvio que para plena eficiência da Corporação, a par do aumento de estações e postos, surge como indiscutíveis necessidades a melhoria de aparelhamento técnico e o aumento do pessoal, de modo a atingir-se o efetivo mínimo de 1.500 homens.

A 3.^a parte deste trabalho indica a organização geral (material e pessoal), conveniente ao Corpo de Bombeiros da Capital. Ante as despesas que a sua reestruturação e redistribuição impõem, pareceu-nos aconselhável estabelecer a execução do plano por fases. Assim é que foi previsto um objetivo intermediário, que consistirá, em 1949, na obtenção dos quartéis para as estações e postos de bombeiros a instalar-se, assim como na aquisição de uma porção do material e do aumento de parte do pessoal. A execução da 2.^a fase (1950) permitirá a cabal remodelação do Corpo de Bombeiros, com a dotação total de material permanente, inclusive rodante especializado, com os quartéis necessários e o efetivo imprescindível completo.

Outras cartas dão idéia do andamento da execução do plano acima e a 4.^a parte do presente relatório discrimina, aproximadamente, a soma dos encargos que competirão ao Município, até a consecução do objetivo final.

Cumpre salientar agora que o Corpo de Bombeiros da Força Pública do Estado não se acha «desmantelado» como se vem propalando ultimamente. Não é verdadeira tal assertiva. Na realidade, o seu pessoal é insuficiente e o material diminuto, ante as necessidades atuais. É que a Corporação, por motivos óbvios, não tem sido ampliada em consonância com o vertiginoso progresso da Capital Paulista. As possibilidades orçamentárias em 1947 e 1948 foram de tal modo diminutas que só nos permitiram a aquisição de algum material, para,

na maior parte dos casos substituir outros, já inservíveis. Contudo, vêm os «homens do fogo» dando pleno e cabal desempenho às missões que lhes são afetas, suprindo as deficiências técnicas com inauditos sacrifícios e admirável tẽmpera, forjada em moldes militares, dentro da Fôrça Pública do Estado. Reestruturado, amanhã, poderá ser o Corpo de Bombeiros unidade modelar, sob qualquer aspecto.

I — ORGANIZAÇÃO GERAL DO CORPO DE BOMBEIROS:

- a) Comando e Companhia de Comando e Serviços, com séde em Ibirapuera e 3 Secções (Pinheiros, Santo Amaro e Ibiraquera);
- b) 1.ª Companhia, com séde no Centro;
- 2.ª Companhia, com séde nos Campos Eliseos e uma Secção em Santana;
- 3.ª Companhia, com séde no Ipiranga e 2 Secções (Fábrica e Cambucí);
- 4.ª Companhia, com séde no Tatuapé e 3 Secções (Brás, Mooca e Penha);
- 5.ª Companhia, com séde na Lapa e 2 Secções (Alto da Lapa e Osasco).

RESUMO

Comandante e Estado Maior:

- 1 Companhia de Comando e Serviços;
- 5 Companhias de Bombeiros de organização idêntica;
- 11 Secções de Bombeiros de organização idêntica.

1.ª Fase — 1949

Despesa Total em 1949

	Cr. \$
1) Material rodante (84 unidades)	11.005.000,00
2) Material de consumo (para seis meses)	2.000.000,00
3) Pessoal (para seis meses)	11.205.000,00
4) Construções (2 Est. e 2 Postos - 2.200 m2 de ter.)	4.600.000,00
T O T A L	28.810.000,00

2.ª Fase — 1950

Despesa total de 1950

1) Material rodante	5.515.000,00
2) Material de consumo e Desp. Diversas	5.000.000,00
3) Pessoal	28.386.000,00
4) Construções	5.200.000,00
T O T A L	44.101.000,00

3.ª Fase - 1951

CORPO DE BOMBEIROS, completamente organizado, distribuído em seis Zonas, comportando cinco Companhias e onze Seções, lotando seis Estações e onze Postos. Efetivo de 1.577 homens e 165 viaturas especializadas.

ORÇAMENTO

	Cr. \$
— Material de Consumo e Desp. Divers. ...	5.000.000,00
— Pessoal	28.386.000,00
T O T A L	33.382.000,00

RECAPITULAÇÃO GERAL

(Previsões orçamentárias para a Prefeitura)

	Cr. \$
— 1.ª Fase 1949 (estabelecer crédito especial	28.810.000,00
— 2.ª Fase 1950 (a prever em 1949)	44.101.000,00
— 3.ª Fase 1951 (a prever em 1950)	33.382.000,00

Argumentos que justificam a apresentação de substitutivo ao Projeto de Lei Municipal n.º 68/49 e possibilidades de adaptação do plano sugerido pelo Comando Geral, consoante os meios de que disponha o Município.

A criação do Departamento de Bombeiros e Socórros Públicos da Prefeitura Municipal de São Paulo, nos moldes previstos no projeto do sr. Jânio Quadros, não oferece as vanta-

gens que apresenta o plano de remodelação do C.B., proposto pelo Comando Geral da Fôrça Pública, nem mesmo como poderia parecer, sob o aspecto econômico.

No que tange à estruturação do Departamento aquele projeto foge aos processos experimentais progressivos que devem nortear qualquer remodelação.

Deixando à margem outras falhas a nosso ver existentes no projeto n.º 68/49, salientaremos apenas as relativas aos recursos financeiros no mesmo previstos, os quais absolutamente não correspondem ao montante das despesas que a providência acarretará. Em abôno desta afirmativa, apresentamos os seguintes fatos:

1 — a instalação das cinco (5) novas zonas de que trata o art. 6.º do projeto importaria no gasto de cêrca de dez (10) milhões de cruzeiros para as indispensáveis construções. E, para isso, não está fixada a verba correspondente;

2 — aceito que fosse o trabalho do sr. Jânio Quadros, o patrimônio móvel do Corpo de Bombeiros precisaria ser indenizado ao Estado pela Prefeitura. E o projeto omite a verba para tal despesa (mais ou menos vinte milhões de cruzeiros);

3 — os prédios estaduais, atualmente ocupados pelo C.B., deveriam ser adquiridos ou desocupados, na hipótese da criação do Departamento Municipal. Qualquer alternativa envolveria volumosos encargos financeiros para a Prefeitura e o projeto não prevê os meios para tais empreendimentos (aproximadamente vinte milhões de cruzeiros);

4 — no projeto faltam, ainda, verbas necessárias às despesas:

— com material especializado para equipar duas novas estações (cêrca de Cr. \$ 10.000.000,00);

— conseqüentes do fornecimento de alimentação e fardamento à tropa (mais ou menos Cr. \$ 3.000.000,00, anuais);

— variáveis, relativas à assistência social e hospitalar aos homens;

— decorrentes da inatividade do pessoal, mutáveis segundo as circunstâncias.

Como se vê, são aproximadamente Cr. \$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de cruzeiros) omitidos no ante-projeto de Jânio Quadros para o início da organização prevista. O projeto é, portanto, inexequível.

Além do expôsto é de notar que:

1 — as verbas destinadas a material de consumo, material permanente e despesas diversas são irrisórias. Os quadros

relativos a material especializado, construções e despesas diversas, do trabalho de reorganização do C.B. apresentado pelo Comando Geral da Fôrça, dão a idéia real das necessidades a suprir e dos gastos a efetuar em duas fases precisas e previstas.

2 — O efetivo total fixado no projeto Jânio Quadros (incluindo todos os elementos do Departamento) é de cerca de 920 homens, dos quais 800 bombeiros (praticantes, de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes). Esse efetivo não atenderá às necessidades de uma organização modelar, à altura da Capital Paulista e não chegará para o suprimento das 5 zonas criadas, pois as suas correspondentes, constantes da primeira fase do projeto do Comando Geral da Fôrça, excluídas as secções, exigirão o efetivo de 1.150 homens, não computado o pessoal das oficinas. Os quadros de organização pormenorizada do último trabalho citado comprovam a observação.

Do exposto conclui-se, de um lado, que as despesas a serem ocasionadas pelo projeto n.º 68/49 não serão menores que as resultantes da adoção da fórmula proposta pelo Comando Geral da Fôrça Pública para a reorganização do C.B.. Ao contrário, serão muitíssimos maiores com resultados nitidamente inferiores. O que houve foi falha na previsão de verbas naquele projeto. De outro lado, ressalta a reorganização do C.B., como foi sugerida pelo Comando Geral à doutra Comissão de Vereadores, porá aquela Corporação em excelentes condições técnicas e dotá-la-á de farto material e do efetivo de 1.577 homens, com vencimentos médios de 1.500 cruzeiros. Assim organizado e dispondo do concurso de um oficial que agora se especializa na Europa e de outro que iniciará em breves dias valioso estágio nos Corpos de Bombeiros dos Estados Unidos, o C.B. de São Paulo será o primeiro da América do Sul e poderá ombrear-se com os melhores do mundo.

Se, entretanto, entenderem os Poderes Municipais que, por medida econômica, os efetivos previstos no projeto Jânio Quadros ou os da primeira fase da proposta do Comando Geral bastarão, far-se-á a reestruturação final do C.B., mediante estudos a serem procedidos por aquele Comando, para enquadramento da organização dentro do efetivo desejado. Como é óbvio, nessas circunstâncias, ficarão os governadores do Município responsáveis pelas deficiências decorrentes de tal imposição.

Finalizando anexamos a esta exposição dois quadros, o n.º 1 expressa o montante das despesas municipais, conforme se adotasse a fixação dos efetivos (920 homens correspondendo ao projeto Jânio Quadros ou 1.150 homens, de acôrdo com a

1.ª fase da proposição) em qualquer caso em colaboração com o Estado, consoante plano do Comando Geral da Fôrça Pública. O n.º 2 esclarece quais são as atuais despesas do Estado com a manutenção do Corpo de Bombeiros, levando-nos à conclusão insofismável de que elas bastariam para a manutenção de um batalhão policial de 500 homens.

QUADRO N.º 1

DESPEASAS COM A REORGANIZAÇÃO DO C.B. COOPERANDO O ESTADO COM O MUNICÍPIO

1.º — Com o efetivo de 920 homens:

PESSOAL

920 homens a Cr. \$ 1.500,00 (média com aumento de vencimentos) = Cr. \$ 1.380.000,00, mensalmente. Cr. \$
1.380.000,00 x 12 = Cr. \$ 15.560.000,00, anualmente.

MATERIAL

	Cr. \$
Permanente	1.500.000,00
Consumo	1.500.000,00
Diversos	500.000,00
S O M A (anualmente)	3.500.000,00

DESPESA TOTAL ANUAL 19.060.000,00

DESPEASAS iniciadas para a instalação
Construção de duas Estações (Lapa e Penha) 4.000.000,00
Material rodante novo 10.000.000,00

S O M A 14.000.000,00

2.º — Com o efetivo de 1.150 homens:

PESSOAL

1.150 homens a Cr. \$ 1.500,00 = Cr. \$ 1.725.000,00 mensalmente. Cr. \$ 1.725.000,00 x 12 = Cr. \$ 20.700.000,00, anualmente.

MATERIAL

Como no de 920 homens = 3.500.000,00
DESPESA TOTAL ANUAL: 24.200.000,00

A despesa acima deve ser acrescida da inicial de:

— Construção de 2 Estações Novas (Lapa
e Penha 4.000.000,00
— Material rodante novo 10.000.000,00

S O M A 14.000.000,00

QUADRO N.º 2

CORPO DE BOMBEIROS DA CAPITAL

DESPESA ATUAL PARA O ESTADO

Cr. \$

700 homens a Cr. \$ 1.500,00 mensais = .. 1.050.000,00

Despesa anual (1.050 x 12) = 12.600.000,00

O cálculo médio mensal do custo de cada homem (oficiais, graduados e soldados) resultou do seguinte:

Vencimentos 1.200,00

Alimentação e fardamento 300,00

S O M A 1.500,00

A despesa anual com o pessoal acrescente-se a relativa a:

— Material de consumo (aprox.) 1.000.000,00

— Material permanente 1.500.000,00

— Diversos 500.000,00

S O M A 3.000.000,00

Logo, atualmente, a despesa anual do Estado monta a Cr. \$ 15.600.000,00. Se disso subtrairmos a contribuição anual da Prefeitura de São Paulo (Cr. \$ 7.000.000,00) teremos:

Cr. \$ 15.600.000,00 — Cr. \$ 7.000.000,00 = Cr. \$ 8.600.000,00

Portanto, a despesa mensal do Estado com o C. B. ascende mais ou menos a Cr. \$ 700.000,00, quantia suficiente para manter um batalhão policial de 500 homens.



Transporte cuidadoso... carga - correspondência encomendas

É esse o nosso ponto de vista: para nós toda a carga ou encomenda é merecedora do maior cuidado, como se fosse marcada "Fragil". E toda a correspondência é como se fosse marcada "Urgente". Cremos que esse é também seu ponto de vista. Envie, portanto, pela VASP ou pela Aerovias.

Vasp - Aerovias

Rua Líbero Badaró, 89
Telefone: 2-6993

Rua Líbero Badaró, 370
Telefone: 6-2960

ORAÇÃO QUE FICÁ

Quando o Clube dos Oficiais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, em novembro do ano passado, levou a efeito, em sua sede social, merecida homenagem ao Deputado Mons. Arruda Câmara que no Legislativo Federal se destaca como impertérrito batalhador das causas justas, entre os oradores fêz-se ouvir o ten. cel. Peres Barbosa.

A burilada peça oratória que, por lamentável incompreensão, permanecia engavetada, foi agora trazida à publicidade pelo culto Comandante Quintino Regis, da P.M. de Santa Catarina.

Não nos furtamos ao prazer de reproduzir aqui expressivo juízo do coronel Regis, por exaltar com justiça a personalidade de Peres Barbosa: "possui nosso companheiro excepcionais qualidades de escafandrista que desce às profundezas abismais do oceano da vida, para tirar dentre os detritos e o lodo, gemas preciosas, e de volta dos mergulhos, com mãos limpas, polir estrêlas pelos encantos e emoções do seu verbo".

Publicando "ECCE HOMO", MILITIA rende também seu preito de gratidão ao parlamentar que, primeira e desassombradamente, levantou a voz em defeza empolgante das Polícias Militares do Brasil e perseverou no intento até ver assegurados em Lei direitos líquidos e certos aos quais a carreira fazia jus. Jubilosa-mente associamo-nos às homenagens prestadas ao bravo Arruda Câmara, certos de que não nos serão aplicadas as palavras do incomparável autor da Divina Comédia: «Non ragioniam di lor, ma guarda e passa»...

Ten. cel. Peres Barbosa
da P. M. do Distrito Federal

“ECCE HOMO”



— «**Ecce homo**». Assim falou Pilatos, quando mostrou aos judeus o Cristo.

— **Eis o homem!** Assim falo eu, quando vós mostro Arruda Câmara.

Lá, como aqui, eram três as partes: aquêlê que era mostrado; aquêlê que mostrava; os que viam, ouviam e já haviam julgado sem ver e sem ouvir.

Parece até, pelas semelhanças das linhas contornantes das cenas, que êste profano acontecimento dramático que estamos vivendo, é projeção do outro que, transpondo com ímpeto o tempo, ainda esfuzia nos púlpitos e reboa no Universo, como perpétuo estigma da justiça humana.

Semelhante foi o modo de mostrar: Eis o homem! — com a diferença que Pilatos era juiz, e não encontrou culpas para punir; eu sou testemunha, e só encontro méritos, que hei de louvar, embora meu louvor, por meu, fique tão abaixo de Arruda Câmara, quão abaixo de Cristo ficou o julgamento de Pilatos.

Diferentes sois vós, meus companheiros, porque não sois judeus, mas de judeus têm sido as vossas homenagens, por pequenas e tardias.

Semelhante à coroa do Cristo, posta à sua cabeça com ridículo, para que sofresse as dôres morais da humilhação, e com espinhos que lhe furassem as carnes e derramassem o sangue, quebrantando-lhe as energias, — teve Arruda Câmara, por nossa causa, a sua coroa de martírio; coroa entretecida de analfabetismos e impatriotismos, de rotinas e incompreensões, de vaidades e de maldades, cujos espinhos, recobertos pelas fôlhas da insídia, feriram o seu leal coração de sacerdote e de soldado, que pulsou, que intumescceu, que transbordou entornando-se em lágrimas! E teve os seus discípulos; pregou o amor, a fé e a caridade; converteu descrentes; perdoou a infiéis e pecadores; espalhou o bem; chamou a si os pequeninos, cobrindo-os com o manto da sua imensa bondade; e fêz os milagres, repartindo o pão com os famintos, dando pernas aos paralíticos, luz aos cegos, vida aos mortos, quando increveu na Carta Magna de 34, vencendo os últimos redutos de estultos preconceitos, a existência das Polícias Militares, então as órfãs, as enteadas da Lei!

Galhardo na luta, ágil e arguto na busca dos objetivos, tirou-nos da humilhante existência nos ângulos mortos da Lei, dos recantos ensombrados da nacionalidade, com bolores de um século, expondo-nos, ainda atônitos e ofuscados, ao calor, às claridades, às alegrias da vida legal e digna!

Completando a estupendo conquista, no mesmo texto conferiu à União, com requintes de técnica, a competência privativa de legislar sôbre a organização, instrução, garantias e justiça das Polícias Militares, com o alto e patriótico propósito, é

evidente, de torná-las homogêneas na sua estrutura, na formação intelectual e profissional dos seus quadros, no adestramento das suas tropas, nas seguranças do direito e das garantias dos seus servidores, subtraindo-os, para todo o sempre, aos caprichos e às surpresas dos regulamentos forjados nos segredos dos gabinetes, como então se faziam, como ainda ensaiam fazer, ilegalmente, por vício, no escuro, por êsses Bra-sís imensos !

Tendes aí, senhoras e senhores, o brônzeo marco, fundido e plantado pelo insígne Arruda Câmara, que a pátina do tempo esverdeará através das idades, mas não esconderá as letras de ouro do seu nome, como grande benemérito e assinalado patriota, enquanto no Brasil, restar, digno da sua farda e da sua profissão, um soldado de Polícia Militar.

Depois, engrandecido pelo prestígio e popularidade que grangeara, longe de quedar-se, envaidecido, nas honrarias dos altos postos e nas glórias que por justiça lhe cabiam, passou a estudar, interpretar e comparar as legislações das Polícias Militares, embrenhando-se, abismado, nesse emaranhado de absurdos, de desigualdades cruéis, de omissões inqualificáveis, onde o que mais se garantia era a instabilidade, a insegurança, o desamparo aos seus servidores.

Essas, aparentemente, as primeiras letras dos conhecimentos dos nossos problemas, com que Arruda Câmara, na tribuna do Parlamento, emudeceu os opositores, fulminando-os com chispas de talento, deflagradas pelos engenhos da sua fulgurante inteligência.

E já nesta altura ensinava proficientemente:— «A origem da Polícia Militar, no Brasil, mergulha na noite dos tempos e é congênita com a própria nacionalidade. E' uma instituição, que a comêço com o nome de Milícia, sentou os marcos das quinás históricas, defendeu o litoral contra as invasões, conquistou a terra, protegeu o povoamento, levou a nossa expansão para o ocidente, até à Cordilheira dos Andes, e conquistou e defendeu as fronteiras que nos separavam dos antigos vice-reinados de Buenos Aires e do Perú». E concluiu com êste jôrrro de luz:— «E', portanto, Milícia ou Polícia Militar, uma classe nascida com o Brasil, como cristalizando a alma, nacional, desde os seus primeiros albores, e que na liça continuada, árdua e grandiosa de servir o povo, servindo às instituições e ideologias patricias, teve a primazia de abrir caminho para o Exército Nacional, por havê-lo antecedido entre nós».

E quando a Comissão de Justiça, pelo seu relator, em setembro de 35, tentou procrastinar as nossas conquistas com

uma lei elástica e tímida — à moda dos **poderá, poderão e quando possível**... — Arruda Câmara agigantou-se na tribuna, em memorável oração, arrazando-o com seus conhecimentos do direito, da técnica legífera, da legislação e da organização militares; poetizou os feitos heróicos das nossas tropas; sublimou, em frases líricas, a vida de martírios do nosso soldado; e, viril e atrevido, fêz cair sobre o plenário, como um raio, êste improvisado fêcho:

«As Polícias Militares querem uma lei, mas uma lei que atenda aos seus direitos e que as coloque ao nível dos seus méritos.

Uma lei má ou incompleta poderá ser-lhes imposta a contragosto seu e sem a minha colaboração. A uma lei dessa natureza será preferível nenhuma.

A justiça incompleta não é justiça, e nós não n'a queremos».

Por isso têve, sem mais demora, o justo prêmio do seu labor e da sua bravura: a sua lei, a Lei Arruda Câmara, que não foi aprovada por votação, mas por aclamação, o plenário repleto, de pé, sob ensurdecadora salva de palmas, correspondida pelas galerias apinhadas de oficiais, sargentos e soldados que se acotovelavam em prosmicuidades que a emoção e magnitude da cena explicavam e justificavam.

Treze anos ! Nem me lembro mais dos que choraram !...

Lembro-me, apenas, dos Rocha Marques, dos Serrano de Andrade, dos Oscar Sá, dos Romão da Silva, dos Ismael Guilherme, valorosos companheiros que já partiram, mas que vivem ainda na nossa saudade.

Prejudicada pelas comissões técnicas, onde dominavam certos ciúmes autonomistas; mutilada pelo inexplicável veto parcial de matérias fundamentais; golpeada pela injustificável revogação do seu artigo 25, a 192 ainda aí está, sempre heróica na sua resistência ao tempo, aos iconclastas e aos impiedosos policidas...

E não serviria ao seu fim precípuo, desde a sua nascença, se ela não ocultasse, como oculta, um sentido invetável e irrevogável, que não está contido em nenhuma das suas partes, mas abrolha sutilmente do seu todo, qual suave perfume em perene volatização: a emancipação das Polícias Militares !

E' uma iniquidade, e prejudica os mandamentos da lei e da justiça; é impatriotismo, e prejudica o povo nas seguranças do seu labor, do seu sono e dos seus haveres morais e materiais; é, enfim, uma usurpação a eterna menoridade profissio-

nal em que tem o poder público tentado manter as Polícias Militares, tropas que não são — pelos seus destinos legais, pela sua história, pela sua índole — fôrças ao serviço do direito da Fôrça, mas fôrças ao serviço da fôrça do direito.

Que se lhes dêem menos armas — vá lá — não serão tão úteis nem tão eficientes, por desaparelhadas; mas que se lhes não dêem livros, mais escolas, é um crime, porque serão ineficientes, porque serão inúteis pela incapacidade na sua dupla e patriótica missão, cada qual mais nobre e mais digna !

Tais foram as razões — razões só da Razão — que fizeram de Arruda Câmara o paladino das Polícias Militares no Parlamento, onde não mediu sacrifícios, nem canseiras, nem conseqüências na brilhante e vitoriosa batalha que travou pelo progresso e sobrevivência dessas tropas, quando tudo lhe era hostil.

Meditara êle, além disso, como conhecimento dêste velho e particular dilema, que nunca é ocioso repetir: Ou as Polícias Militares abrem os livros e calejam as mãos, aprendendo e amando seus officios, e sobrevivem pela utilidade, e prosperam pelo valor; ou dormem sôbre os coxins dos seus galardões, à sombra dos louros seculares — assim, traiçoeiras mancenilhas ! — e não acordarão jamais. . .

Perdoai, senhores e senhoras, que o dever e a honra de referir, embora assim pela rama, a enormidade dos serviços que o país e as Polícias Militares devem a Arruda Câmara, me arrastassem e esta cansativa digressão onde, por exiguidade de tempo e insuficiências do narrador, foram injustamente olvidados: os Pedro, que negaram; os Tomé, que não acreditavam; as Madalena, que se arrependeram; os Caifáz, da condenação do Mestre e da perseguição dos discípulos; por fim, os Barrabás, que não respeitaram os legítimos patrimônios e as honestas aspirações da numerosa prole que rebentou dos que «sentaram os marcos das quinas históricas, e lutaram contra as invasões, e aprofundaram as fronteiras e nasceram com o Brasil, como cristalizando a alma nacional, desde os seus primeiros albores»: a Família Policial-Militar Nacional !

Completara-se, com a lei 192, o segundo estágio dos trabalhos de Arruda Câmara na legislação das Polícias Militares, encerrado com a apoteose de uma aclamação, até aí inédita no Congresso. Curta foi, porém, a sua alegria: o veto do dispositivo que nos concedia o Montepio e mandava que os Estados amparassem os seus servidores com institutos análogos, fêz de Arruda Câmara um descontente, um triste, amargando-lhe a imensa vitória.

Não poderiam, nunca, escolher ponto mais sensível, nem mais vulnerável, para atingi-lo: o seu amor aos desamparados.

Qual o agressivo soldado que traz no próprio corpo, em cicatrizes que a farda encobre, o rol das peléjas em que se bateu — esconde Arruda Câmara, sob a alva túnica da sua modestia, as cicatrizes dos rudes golpes que assinalam as lutas em que porfiou como legislador, sem alardes, por inato amor à justiça, por ingênito sentimento de solidariedade humana.

A sua vida está pontilhada de episódios assim:

No nosso antigo e pequeno hospital, por falta de espaço e de recursos, os soldados tuberculosos viviam misturados com os doentes de outras enfermidades, contagiando-os, a despeito dos cuidados, dos protestos e dos sacrifícios do nosso dedicado e brilhante corpo médico. Sabedor do fato, Arruda Câmara não parou mais, enquanto não levou à última discussão, no Congresso, o projeto que concedia 150 contos para as obras de um pavilhão-isolamento.

Presidindo os trabalhos, deu êle como aprovado o projeto, depois de pedir e obter dos líderes da maioria e da oposição, sob palavra, a sua aprovação.

No mesmo dia, faltando à palavra empenhada, o líder da oposição, cujos abalados pulmões felizmente ainda resistem, acusou Arruda Câmara — político, padre e homem de honra — de haver trapaceado em questão de verba, com a aprovação desse projeto!

Então, jovem e sem experiência política, não estanhado pela politicagem, cujas insensibilidades ignorava, pareceu-me que Arruda Câmara sucumbiria ao pêso do tremendo e insidioso golpe.

Eu o vi politicamente morto por haver, altruista e humanitário, tentado defender vidas e minorar as agonias dos que estavam na ante-câmara da morte!

E deixaria o Congresso, pela porta da renúncia, não fôra o imediato reconhecimento da lisura do seu gesto; não fôra, além disso, o apôio moral dos seus amigos; não fôra, ainda, a rogativa dos seus íntimos.

Foi nesse estado dalma, vivendo êsses dramas ignorados — mais de lágrima em lágrima do que de sorriso em sorriso — foi assim que Arruda Câmara, trabalhador e generoso por vocação, amassou o ázimo pão que êle nos serviu na bandeja do seu coração: o Montepio dos Officiais do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar do Distrito Federal!

Pilatos, o juiz pusilânime, incapaz de assegurar ao Cristo inocente a justiça que êle merecia, disse à turba: «Tomai-o e julgai-o segundo a vossa lei!».

Testemunha frágil e obscura, incapaz de julgar e louvar os méritos de Arruda Câmara, eu vos digo: «Tomai-o e julgai-o segundo a vossa alma!»

Tenente Coronel Arruda Câmara:

Tú és benvindo a esta casa, o nosso Clube, que honras há quatorze anos como sócio benemérito, aclamado por serviços inestimáveis!

Os invejáveis e magníficos títulos que ornaram, em ti, a inteligência e a cultura, as virtudes e os grandes serviços ao Brasil e ao teu Estado natal, à Santa Igreja e às Polícias Militares, prestados com riscos e bravuras marcantes da tua coragem física, da tua coragem moral, da tua coragem cívica, — não cabem nesta casa, tão grandes são êles, nos brilhos e riquezas, quão pequena ela é, nas singularidades das suas pobrezaas.

Eis aí porque tú és, agora, apenas o Tenente-Coronel de Polícia Militar, a quem os teus companheiros e amigos prestam homenagem modestíssima, inaugurando o teu retrato na sede social — o nosso lar comum — como demonstração do alto apreço e do fraternal amor que êles merecidamente te dedicam.

Amado e venerado pelas sucessivas gerações, tú viverás aqui, tempo a dentro, como símbolo da nossa liberdade de morrer!

O Montepio Militar, a mais mimosa, a mais brilhante conta do teu rosário de serviços à nossa classe, não nos pertence: êle será, na nossa morte, a vida das nossas famílias.

Por isto não te agradecemos, não temos com que te agradecer: tudo, ainda seria nada.

Na imprestabilidade da velhice, ou nos perigos da carreira, ao deixarmos êste túmulo em busca da vida, bem poderemos bradar, quais gladiadores de César, em Aleluias por ti:

«Salve», Arruda Câmara, «os que vão morrer te saúdam!».

Mas, não está aí, o agradecimento que tú mereces.

Também não o encontrei nos nossos lares, entre as mães que ensinam aos filhos pequeninos, ajoelhados nos berços limpos, o teu nome e as preces que rezam por ti; nem o vi refletido no teu anel de padre, onde brincam risos de crianças, onde tremeluzem lágrimas de mulheres: a gratidão dos órfãos e das viúvas a quem arrimaste contra a fome!

Não sabem traduzir a gratidão, embora gratos, os que têm o que comer para viver: agradecem o mesmo bem — uns, rindo; outros, chorando.

Só os mendigos, êsses famintos que enxergam no pão da esmola, a esmola de um pedaço de vida, têm alma de artifice para recortar e limar, burilar e polir, nas oficinas do coração, a jóia-símbolo do agradecimento.

Furtei, pois, dos miseráveis sem pão, sem vestes e sem teto, que tiritam engelhados dentro das noites molhadas; furtei das que cospem sangue, sentadas nas soleiras, e entopem a bôca faminta do filho com seios mirrados de fome; furtei, dos que mendigam, esta jóia que te vou entregar, como agradecimento, em nome das famílias dos oficiais do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar do Distrito Federal, irmanadas pelos benefícios da tua lei, irmanadas e solidarizadas pelos laços morais que esta Casa tece.

Não te apresses, porém, que ainda não está digna de ti: falta-lhe a cambiante pedraria.

Garimpeiro, descerei ao garimpo do Passado, com a bateia do abandono; revolverei as lamas da Miséria, onde se ocultam os mais puros diamantinos; e, dentre os duros cascalhos da injustiça, arrancarei estas gemas raras, que hão-de tremer irisadas, faiscantes como farpas de luz, cascadeadas de pequenino sol, nos arrebóis do ouro da tua jóia: são as agônicas lágrimas, petrificadas pelo sofrimento, roladadas dos olhos dos companheiros que partiram, amargurados, deixando a família sem arrimo; são as lágrimas, purificadas e cristalizadas pela dor, caídas dos olhos das desamparadas, que não resistiram as torturas da fome, desertaram dos lares apagados e se perderam nos labirintos da cidade; são, enfim, as gemas sem jaça, desgastadas dos olhos dos órfãos sem pão, sem vestes, sem lar, que tiritaram dentro das noites molhadas e dormiram namorando a luminosidade dos astros, donde nos espiam e te abençoam!

Agora, sim, é tua:

«Que Deus te pague», Arruda Câmara!

Os que vão morrer te saúdam!

O prêso: — Lá se foi meu chapéu! Posso correr para apanhá-lo?

O polícia: — Para ir e não voltar, não é? Você não me embrulha! Você fica aí e quem vai apanhar o chapéu sou eu.

In Memoriam

A ti esta saudade, caro sargento França e, em tua memória, a oração singela para que Deus onipotente te conserve na Glória.



É viver horas de heroísmo relembrar o acontecimento que marcou êste dia: 21 de março de 1949 ! Não se deve, porém, aplaudir a ação covarde que feriu o organismo policial de São Paulo. A Fôrça Pública se enlutou e com ela o Estado e a Pátria. Esta data lembra-nos aqueles a quem o destino marcou para tornarem-se símbolo da legalidade. Certos elementos, desobedecendo a ordem, desafiam os que humildemente se entregam à tarefa de manter a paz e o progresso da coletividade. Muitas fases de terror foram registradas, caladas no ódio e na covardia. Não se queira, porém, imiscuir-se nessas aventuras o elemento que cuida da tranqüilidade dos lares, pela manutenção da ordem.

Entre os desaparecidos há um bravo, que descansa na eternidade, vítima do desejo de resguardar das enxurradas a terra em que nasceu e, amando-a, morreu por ela.

Repete-se, agora, mais um crime odioso, fruto de estranhos cálculos que solaparam consciências bem formadas. Es-

sões indivíduos mesmos, provocadores de tumultos, trucidam leais servidores do Estado, os quais, no cumprimento do dever, velam pelas instituições.

Caiu o corpo do sargento França e hasteou-se no mesmo local uma bandeira e temperou-se inquebrantável escudo. Essa t^{em}pera de aço é a fôrça espiritual que norteia os homens de bem.

Pranteiam, São Paulo e o Brasil, o teu desaparecimento. Chora, a tua Fôrça Pública! Foste o padrão vivo do soldado sempre alerta e morreste no cumprimento de tua missão. Deplora tua família a morte inesperada e nós acompanhamo-la naquele transe de dor. Doaste, sei, à tua espôsa, um nome de herói. Guardaremos teu retrato na galeria de honra! Tua companheira, que sempre te esperava de volta, continuará acreditando que voltarás, porque de fato não morreste, vive teu espírito ao nosso lado, para exemplo das gerações que seguirão teus passos.

Nós também te esperamos com coragem, porque tu, sargento França, representas um símbolo vivo da nacionalidade. Morreste para o lar que não te olvida um minuto, mas começaste a viver agora como nosso guia de honra. Seguiremos a caminhada de luz brilhante, sargento França, como por ela marcharam teus companheiros em Presidente Prudente. Eles também cairam ao teu lado. Por obra de Deus, porém, como teu próprio destino, crescestes mais no nosso conceito, pois alcançaste a auréola azul do firmamento. A ti esta saudade, caro sargento França e, em tua memória, a oração singela para que Deus onipotente te conserve na Glória eterna.

NO FUNDO... É ASSIM MESMO

- Covarde** — Homem (ou mulher) que, em momento de perigo, pensa com as pernas.
- Barômetro** — Instrumento assás engenhoso, que indica se está ou não fazendo bom tempo.
- Cortesia** — Forma de hipocrisia geralmente aceita.
- Revolução** — Mudança violenta e repentina no modo de desgovernar.
- Paciência** — Forma benígna de desespêro, disfarçada de virtude.

Procuramos o nosso caminho

No alvorecer de 1948, surgiu em nosso meio policial-militar uma revista que, a-pesar-de sua simpática feição literária, não julgaríamos atribuir-lhe, em breve tempo, a incumbência de uma jornada tão promissora como a que se nos aponta, agora, ao chegarmos apenas em seu segundo ano de vida, revelando, desse modo, o prenúncio de um futuro mais alviçareiro para esse grande aparelho humano do Brasil que são as Polícias Estaduais.

Essa revista, cuja voz repercutiu harmoniosa e sobranceira no meio do turbilhão em que vivemos, é você «Militia», para quem escrevo, que, nascida do coração da Pátria, vem anunciando o caminho de nossa salvação para que cuidemos de nossa classe antes que seja submergida no lamaçal político-administrativo em que se encontra, desde o seu nascimento, o nosso estremecido País.

Em nosso imenso e riquíssimo Brasil tudo está por fazer ainda, e, concomitantemente, estão por se organizar as suas Polícias Militares. O patriotismo ainda não despertou no coração dos homens públicos e se despertou ainda não se transformou em ação. A rotina obscura dos antepassados tem sido o caminho a seguir pelas novas gerações. A Pátria encontra-se esquelética por falta de indústria, estradas de ferro, habitação e trabalho. Faltam-lhe civismo e fecundidade.

As Polícias Estaduais datando do Império, oriundas dos primitivos Corpos de Permanentes Municipais, possuem, atualmente, organização semelhante à do Exército, a qual não é adaptável à árdua missão policial que exige, para tão grave empenho, conhecimentos insofismáveis de sua especialização. Adstritas aos limites dos Estados, progridem umas, tornando-se verdadeiros Exércitos armados e preparados para a arte da guerra, atrofiam-se outras, ficando inapropriadas à função; tôdas, porém, desviadas da sua principal missão, que é a policial. Desarticuladas e independentes como são, vivem à mercê do tempo e da sorte, indiferentes umas às outras, ligadas apenas pela solidariedade humana, retratando muito bem as

capitanias hereditárias de nosso Brasil Colônia e predestinadas, portanto, ao mesmo fim.

Nessa nuvem de desorientação, vivem as Polícias Militares do Brasil uma vida de incertezas e desprestígios, não sabendo o que são nem o que têm a fazer. São policiais e estudam a arte militar para desempenho de sua nobre missão. Ignoram até qual a razão de terem tal nome.

Já houve em nosso meio espíritos ativos que, revoltados com a nossa melancolia, bradaram aos quatro cantos do mundo pela nossa unificação, mandando que acordássemos do sono secular em que nos encontramos e apelando para a vida de sacrifícios da classe e para o patriotismo dos dirigentes do País o problema de nossa salvação. Mas, coitados (!), nada conseguiram, porque a visão de nossos patrícios ainda não chegou a êsse alcance. Já pensámos até em entregar ao patriotismo do Exército, de quem somos forças auxiliares, o nosso destino que é o próprio destino do Brasil, mas não tivemos melhor convicção.

Agora, na decadência do século XX, quando já sentíamos, dentro de nosso caminho de incertezas, aliviarem-se as manchas de tamanha obscuridade com a inovação de cursos especializados que muito têm atenuado o nosso atraso intelectual-social, somos sobraçados nas garras venenosas da política que, dado o incultivo de nosso povo, ainda não se adaptou à forma de governo democrático, decorrendo dessa transição e desorientação das massas e conseqüente avanço no desmantêlo das instituições que estão por se organizar. Pelo menos isso acontece em nosso meio policial.

Não podemos servir bem à Pátria sem demonstrarmos cultura, fidelidade e conhecimento no desempenho das funções que nos foram legados pelos antepassados ou por espontaneidade da Natureza. Já confirmámos a nossa eficiência diante da desorganização; agora, resta-nos provarmos a nossa inteligência quando nos derem orientação.

A sociedade tem sido magnânima e condescendente demais para conosco e para com ela mesma. Os nossos governos têm preferido a nossa ignorância, porque esta nos torna mais servís quando lhes ouvimos as reprimendas pelos nossos êrros, enquanto prescindem de nossa inteligência que nos tornaria mais ativos em lhes demonstrarmos correção.

Trabalhem, pois, pela nossa unificação, para maior progresso do Brasil, e, para isso, devemos eleger nosso «leader» a co-irmã paulista, de cuja voz já ouvimos, em linguagem policial, a sua ordem de comando. Ela nos preparará a mentali-

dade, ditando: organização, conhecimentos técnicos, leis garantidoras do direito, manêjo e utilização das armas e defesa pessoal, para desempenho de nossa missão. Com tais medidas, bem sei, que chegaremos à Federalização, embora esta nos traga trabalhosas complicações, porque nada é mais cômodo do que vivermos silenciosos em nossas recatadas corporações, sem nos incomodarmos com o resto do mundo, sem a imposição de responsabilidades novas decorrentes de novas organizações. Entretanto, tal comodismo é prejudicial ao progresso do Brasil e nocivo à moral e ao patriotismo de nossas instituições.

Não há país civilizado no mundo que possua polícias com a organização das nossas, porque em todos êles as corporações armadas são de âmbito nacional, para melhor contrôle pelo govêrno federal e para maior garantia da integridade da Nação. Com a Federalização das Polícias Estaduais, teríamos modificada a mentalidade policial que, em atrasados rincões do Brasil, ainda segue ao sistema empírico de nossas primitivas polícias; teríamos de estudar com maior responsabilidade o complexo de nossa missão, a fim de não ficarmos distantes dos conhecimentos dos companheiros que habitam os centros mais civilizados. Além disso, a Federalização ensejava à administração federal a permuta de valores existentes nas corporações policiais, com a sua nomeação para postos à altura da capacidade, em qualquer parte do País, corrigindo assim, em beneficio da grandeza da Nação, muitas falhas encontradas em nossos quadros e oriundas de tempos passados. Igualmente não seria admitida a permuta de companheiros que não tivessem oficialmente habilitados a policiarem em qualquer parte do País. Com a federalização seriam distribuídos contingentes policiais nos Estados de acôrdo com a sua área e densidade demográfica, completando ou reduzindo, assim, as corporações de cada Estado da Federação, ao mesmo tempo que teríamos, num mesmo plano, fardamento, instrução e estudo da legislação do País, organizando-se, dêste modo, um todo homogêneo de absoluta eficiência para a grandeza e segurança da Pátria.

Devemos, portanto, cuidar, enquanto é tempo; não esperemos que o Brasil alcance as suas alturas e a Posteridade nos deixe relegados a um plano de indiferença. Lancemos um olhar através de suas montanhas, confiantes de que em nossa Pátria habita um povo ainda jovem, capaz de ação.

A baixeza mais vergonhosa é a adulação (Bacon).

Polícia Militar do Piauí

Cap. Vasques Filho
Representante de MILITIA

A Polícia Militar do Piauí foi criada pela Lei Provincial n.º 13, do Barão da Parnaíba, a 25 de junho de 1835, com um efetivo de cerca de 300 homens, e com a denominação de Corpo de Tropa de Polícia.

A exemplo das demais Províncias, o Piauí passou a contar com sua tropa regular, destinada às mais nobres missões, cuja prova se houve na Campanha do Paraguai, na Campanha de Fidié (Balaiada), nas Revoluções Republicanas, nas lutas contra a Coluna Prestes, a qual derrotou em Areias, no município da Capital; nas Revoluções de 1930 e 1932 e na chamada Revolta dos Cabos do 25.º B.C., que não era mais que uma intentona comunista, que depôs o então Interventor Federal cel. Landri Sales Gonçalves, tendo a Polícia, com um reduzido número de bravos, na sua maioria músicos, repostos o Interventor.

Vários nomes tomou a Polícia Militar, entre eles os de Brigada Policial, Fôrça Militar do Estado, Fôrça Pública, Fôrça Policial, passando dêste para o de Polícia Militar.

Data de 1940 o completo remodelamento porque passaram seu quartel e seu pessoal. Comandava-a, então, o ten. cel. Evilásio Vilanova, do Exército Nacional, a quem muito deve a Corporação, sob todos os aspectos.

O seu quartel, ampliado e magnificamente instalado na principal praça da cidade, está capacitado a fornecer, com rapidez, a todos os pontos, o policiamento necessário à manutenção da ordem.

Dispõe de alojamentos amplos e arejados para as companhias, bem como de excelentes e modernas oficinas, que suprem de tudo o que se refere às necessidades da tropa. Quatro são essas oficinas: a de Alfaiates, a de Correeiros, a de Marceneiros e a de Mecânicos. Tôdas dotadas de maquinismos modernos, movidos a eletricidade, confeccionando desde a roupa, a farda, calçados de toda espécie, até móveis a serem utili-

zados na Corporação, além de reparos e conservação dos veículos a motor que a mesma possui.

Presentemente compõe-se a Polícia Militar de um Estado Maior, um Batalhão de Infantaria, com três Cias. de Fuzileiros e um Pelotão de Metralhadoras, a Cia. de Comando e Serviços, a Cia. Escola, destinada ao preparo técnico da tropa, e uma Secção de Bombeiros, com auto-pipas modernos e pessoal eficiente.

Data de 1945, a primeira turma de oficiais de curso regular de formação, que era composta de três oficiais.

Os anos se sucederam, e a quantidade de oficiais de curso, presentemente, já ascende a mais da metade do seu quadro. Esta vantagem no setor intelectual, também deve a Polícia Militar ao ten. cel. Evilásio Vilanova, sem favor algum, um magnífico administrador.

Ainda foi em seu tempo que foram adquiridos os auto-pipas modernos, da Secção de Bombeiros, além de outras viaturas a motor.

Seguiram-se-lhe, no Comando, os excelentes administradores e comandantes, tenentes-coroneis José Vitorino Corrêa e Dario Coelho. Comandaram-na, depois, os capitão Flávio Martins Meireles e major José Arnaldo Cabral de Vasconcelos, (êste que já comandara a Polícia Militar de Pernambuco, e presentemente comanda a da Paraíba), ambos oficiais do Exército Brasileiro. Presentemente comanda a Polícia Militar o capitão Manoel da Paz Costa Araújo, brilhante oficial do Exército Nacional, filho de tradicional família de militares piauienses, dotado de grande espírito de justiça e capacidade administrativa, além de ser de um dinamismo à tôda prova, grangeando, por isso, a estima dos seus subordinados.

Como as demais congêneres, possui modernos apetrechos de guerra, e se mantém sempre pronta a defender os interesses da Ordem, da Paz e do Direito.

Nêste recanto brasileiro, onde o sol é mais quente, onde as catingas se desdobram eriçadas de espinhos, trabalham brasileiros, preparando-se para a defesa do Território e da Ordem nacionais.

CAFÉ ROCHA — O amigo dos bons paladares

Dois autores;

Duas obras

Nos países ainda mal formados, na infância de sua vida como nação, o estudo da Sociologia encontra campo mais vasto para a observação dos fenômenos sociais, que nos outros já amadurecidos.

A America é portanto um experimento em vasta escala, e as obras sobre o assunto infelizmente ainda raras são, porém, bastante vigorosas e cheias de atrativos.

A transplantação da vida do continente europeu para o americano se faz através duma corrente migratória contínua, de raças as mais diversas, apresentando-nos o NOVO MUNDO aspecto dum imenso "meltingpot" racial.

Os fenômenos ocorridos foram quase os mesmos em tôda a América. Restou, pois, aos estudiosos, a observação de como reagiram as raças emigradas, ao ambiente, aos múltiplos fatores geográficos que se lhes apresentaram nas novas terras.

Analisando-os, seguem os autores caminhos paralelos.

Nos meados do século passado tôda a América Latina se encontrava a braços com lutas intestinas, decorrência lógica de sua recente emancipação política. Na América do Sul, apenas o domí-

nio português se manteve unido, contrastando com o império espanhol, desmembrado em pequenas repúblicas.

Do antigo Vice-reinado do Prata, só a Confederação das Províncias Argentinas, sob o domínio de Buenos Aires, possuía algum valor representativo.

A transformação dos primeiros ideais republicanos, na verdadeira orgia de sangue do governo Rosas, é o assunto da obra de Domingos Sarmiento, o seu imortal "Facundo Quiroga".

Nela o personagem é mero pretexto, surgindo antes como parte da paisagem, embora salientando-se nela como árvore perdida na imensidão dos pampas.

Observador profundo da vida de sua pátria, Sarmiento notou que o problema do caudilhismo argentino era consequência da luta feroz entre a barbárie dos campos e a civilização citadina.

Para estudá-lo, descreve-nos uma e outra, e do choque de ambas chega a Facundo e Manoel Rosas.

Para tanto, joga o autor com um estilo vigoroso mas simples, de adjetivação rica e propriedade exata.

Os tipos que descreve não são raridades, mas a própria Argentina retratada no gaúcho folgazão e rixento.

Em poucas linhas pinta-nos quadros sugestivos e duma fôrça intensa "..... No Chile e a pé" Assim, com estas palavras apenas, resume tôda a desgraça que se possa acumular sôbre o homem das planícies, que cresceu e vive eternamente a cavalo.

O vaqueano, o rastreador, tipos caraterísticos do pampa, encontram na obra de Sarmiento a sua fiel descrição, cheia de lances épicos e romanescos, notando-se nela o orgulho simples do patriota sincero.

E' porém no gaúcho-máu, no homem fora da lei, o chefe de "montonera", que êle encontra o modêlo para a espécie de herói sanguinário que dominou a política argentina de seu tempo.

Sarmiento não pode assistir em silêncio o desagregar criminoso das fôrças morais de sua terra, e o livro é um grito de protesto. Sua pena ora se esmera no arabesco dum caráter cheio de aspectos fortes, ora é como o cauterio a queimar as feridas da pátria abatida pelo punhal do "gaúcho-malo".

Sua obra é monumental. O assunto, rico, permitiu ao profundo observador, ao sociólogo perspicaz, um trabalho de fôlego que nos ensina a bem compreender a mais negra página da História Argentina.

O estilista consumado nos proporciona páginas de sabor exó-

tico, duma beleza singela, cheias de vida, encerrando todo o espírito do autor, a um tempo filósofo, poeta e soldado.

Transportemo-nos agora, a outro cenário.

No fim do século, nos primórdios da República, o Brasil era outro campo de incompreensões e lutas apaixonadas. Como se não bastassem as dificuldades oriundas da mudança de um regime que não nos convinha, para outro prematuramente adotado, outras questões surgiram, de ordem social, religiosa e, principalmente, oriundas do baixo nível cultural do nosso povo.

O episódio de nossa História, conhecido como "a guerra de Canudos", não chega a ser um caso de âmbito nacional, antes deve ser considerado um tumor adstrito à uma zona dos sertões.

Canudos foi uma psicose coletiva, uma neurose de contágio regional, cujo combate pelas armas apenas se justificou por não haver tempo para terapêutica mais lenta.

Se a análise de Facundo é fácil pela limpidez do estilo, pela objetividade retilínea da frase, o mesmo não se dá com "Os Sertões", obra que nos descreve o fenômeno citado.

Euclides da Cunha nos conduz a conclusões certíssimas, como se caminhasse acompanhando os meandros das trilhas sertanejas.

Veste a proposição de adjetivos abundantes e fortes, amparando-a numa adjetivação suges-

tiva e regional. Daí haverem dito irônicamente, que êle escreveu com um cipó. É tão apegado ao colorido do vocabulário sertanejo, que fôra impossível traduzir sua obra para outra língua sem lhe arrancar muito da beleza.

Paisagista duma natureza agreste e torturada, êle emprestou à alma do sertanejo os mesmos caracteres rústicos, moldando o jagunço com o barro ressecado das sangas gretadas pelo Sol.

Canudos é isto "... a "urbs" monstruosa de barro, definia bem a civitas sinistra do êrro".

Os inúmeros tipos tão singularmente apontados nos "Sertões", têm pela magia da descrição perfeita, a materialização de esculturas vivas.

Seu aspecto recorda vagamente à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto pela refrega "É o homem permanentemente fatigado "Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene em tudo". "E' impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante. Entretanto tôda esta aparência de cansaço ilude. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Imper-tiga-se estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; a cabeça firma-se-lhe alta, sôbre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxa-

mento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréo canhestro, reponta inesperadamente o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias".

Aí está o sertanejo como nos mostra Euclides da Cunha.

Para defini-lo como decorrência de fatores múltiplos, diz-nos que num teatro de misérias físicas e morais o sertanejo é antes de tudo — um condenado à vida", que se fêz homem sem ter podido ser criança.

Ei-lo, agora, descrevendo o soldado brasileiro, naqueles primeiros dias da República: — "Intoleráveis na paz que os molifica e infirma, e relaxa, inclassificáveis nas paradas das ruas, em que passam sem garbo, sem aprumo, corcundas sob a espingarda desastradamente manejada, a guerra é o seu melhor campo de instrução e o inimigo o instrutor predileto. No combate, é certo, nenhum é capaz de entrar e sair como o prussiano, com um podômetro à bota; é desordenado, é revôlto, é turbulento, é um garoto heróico e terrível, arrojando contra o adversário de par com a bala ou a pranchada um dito zombeteiro e irônico"...

Euclides da Cunha foi um analista profundo, capaz, porém do milagre da síntese, numa frase única, de tôda a diátese dos tipos e dos fenômenos a que assistiu.

Sua obra tem um símile aparente apenas, no "Facundo" de Sarmiento.

Se para muitos que os examinaram pela rama, "Os Sertões" tomaram como modelo o livro do autor argentino, tal conceito cai assim que nos aprofundamos em sua análise.

Na literatura como na música, as mesmas notas são empregadas na composição de peças diversas. O majestoso dum Wagner não tem nada, porém, do grandioso de Beethoven.

O "Facundo" e "Os Sertões" apresenta-nos o homem, como produto do determinismo social e geográfico dos ambientes respectivos.

O gaúcho-mau e o jagunço não são vegetações esdrúxulas, mas inflorescências típicas, como a relva nos pampas e o xique-xique nas catingas.

Sarmiento, vítima dos horro-

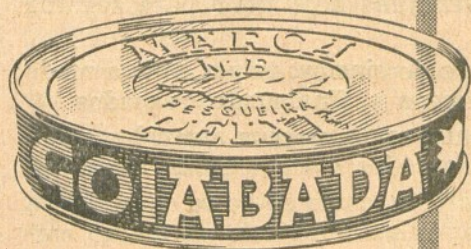
res de Rosas, é parte apaixonada em causa própria. Euclides da Cunha, observador imparcial, descobre na avalanche de misérias do adversário os erros da sociedade que fizeram de Canudos, "... a civitas sinistra do êrro...".

Para vencer a fúria rosista, Sarmiento conclama as forças vivas de sua pátria à luta pelas armas.

Estudando fenômeno inteiramente diverso, o protesto de "Os Sertões" é... "E não haver um Maudsley para os crimes das sociedades".

Protestando, esmagando o adversário, a obra de Sarmiento é uma terrível catilinária. "Os Sertões" é o lamento profundo de quem sente a cauterização a fogos de metralha, dum chaga dolorosa de mártires analfabetos.

No lanche e no jantar...
uma festa para o paladar!



doces em pasta

geléias

compotas

doces diversos

conservas finas

PRODUTOS MARCA



OS PREDILETOS DA FAMÍLIA BRASILEIRA HÁ MAIS DE 50 ANOS

BIGODES...

Cel. ANCHIETA TORRES

Ali por volta de 1913, quem tomasse contato mais íntimo com os elementos da nossa Força Pública observaria que, nas horas de lazer, o que dava mais cuidado ao militar, além da limpeza impecável dos uniformes, principalmente dos botões de metal amarelo e da chapa do cinturão, por parte das praças, era o tratamento meticuloso dos bigodes, que todos, oficiais, inferiores e soldados, timbravam em usar como símbolo de virilidade marcial.

Havia então bigodes notáveis: à «Kaiser», com as pontas voltadas para cima qual lanças agressivas; arrepiados, como os que o romancista atribuiu a d'Artagnan; horizontais, com pontas lembrando alfinetes; caídos, como os dos chineses, e até sem formas definidas.

Lembro-me ainda da bigodeira do A. de que muito êle se orgulhava e dos bigodinhos ainda incipientes do H. e do M...

O P., quase menino, não os possuía senão em vagos indícios, o que não o impedia de tomar cuidados extremos com a sua futura forma que desejava, segundo dizia, à moda dos usados pelo Cel. Chefe da M.M.F.: grossos e com as pontas espalhadas para cima como dois espanadores.

O tratamento desses ornamentos não era fácil e nada barato. Exigia ferros de frisar, cosméticos e até uma espécie de redinha, como as que as senhoras hoje usam para segurar os cabelos.

Depois, com a vulgarização do cinema, talvez, veio a moda dos bigodes aparados à americana e, finalmente, raspados.

Aqueles que mais se orgulhavam dos seus atrevidos apêndices foram os primeiros a apará-los e em seguida raspá-los.

... e os detalhes dos batalhões, como então se denominava parte do Boletim, passaram a ter novo assunto na secção corretiva: as punições aos que haviam posto abaixo seus belos ornamentos pilosos.

Mas... a imaginação de quem, homem ou mulher, quer acompanhar a moda, é fértil.

Um dos interessados, desejando ser moderno e querendo, ao mesmo tempo, conservar limpa sua fé de ofício, teve a idéa

genial de recorrer ao médico do batalhão e este, camarada como todo médico militar, resolveu o caso, atestando que o alferes H. necessitava raspar os bigodes por estar com os mesmos cheios de parasitos. . .

E veio então uma verdadeira epidemia de parasitos. Todo mundo foi atingido, para desgosto dos brigadas que tiveram o serviço aumentado com as publicações das licenças para a raspa dos bigodes.

Na ocasião o autor destas linhas era cabo e trabalhava na sala das ordens do 1.º Batalhão, onde pontificava o **Brigada B.** considerado autoridade pelos seus conhecimentos em coisas de leis e regulamentos. Em um dia de maior recrudescimento da epidemia, com o aparecimento de 20 novos casos, houve quem perguntasse ao Brigada si não seria mais prático dar ao pessoal liberdade de usar ou não usar bigodes.

O Brigada achou a pergunta um tanto revolucionária e, baseado nos seus conhecimentos, sólidos segundo se dizia, respondeu de cara amarrada que o uso dos bigodes pelos militares era obrigatório, pelo regulamento.

Colocada nesse pé, a questão ficou encerrada, mas, à tarde, o velho regulamento de 1897, então em vigor, foi manuseado e remanuseado. Quanto à proibição, nada. Com essa leitura, porém, dois foram os frutos colhidos: o conhecimento embora superficial do velho regulamento e a constatação de que a fama do Brigada era . . . só fama.

Todavia, consultando-se velhos textos legais da nossa gloriosa milícia, pôde-se verificar que o Brigada B., que hoje não é mais Brigada e não usa bigodes, estava com a razão.

Há, de fato, uma disposição legal que obriga o uso de bigodes. E' o artigo 6.º da lei n.º 7, de 2 de março de 1837, cujo teor é o seguinte:

«Os oficiais, inferiores e soldados de municipais permanentes usarão bigodes».

Disposição arcaica, mas que até a presente data não foi revogada.



A TEORIA DE EINSTEIN

Um menino para outro:

- E tu, que idade tens?
- Depende... Em casa tenho seis anos; no bonde, ainda vou fazer três..

Obsessão



Marta se foi inesperadamente, como veio, aliás. O apartamento amanheceu vazio e triste, sem o calor da sua presença, sem seu sorriso argentino. Não se despediu, nem lhe deixou um bilhete sequer. Mas o apartamento ficou impregnado de Marta. Algumas flores num vaso, as mãos de Marta, um suave perfume no quarto, o corpo esgalgo de Marta, fios de cabelo riscando a alvura do travesseiro, a sedosa e farta e negra cabeleira de Marta.

Rogério foi até a janela. Tráfego intenso lá embaixo, na avenida. Vida tumultuosa, trepidante. Mantive-se alheio àquele vai-e-vem ruidoso, olhos abertos sem vêr, o pensamento perseguindo a imagem de Marta que se fôra. Acendeu um cigarro e a fumaça azulada perdeu-se no espaço. Diluiu-se como Marta de mãos nervosas, riso sonoro (como cristais se chocando), o corpo esguio envolto num «pegnoir» de seda azul-claro, a cabeleira negra caindo pelos ombros. Não percebeu a disparada dos minutos, absorto, com a imaginação cheia de Martas voluptuosas, bailando na ponta dos pés, imagens sem consistência, desfazendo-se e fugindo, fugindo sempre.

A noite caiu logo e a cidade se encheu de luzes. Onde estará Marta? Pergunta angustiante a repetir-se na cabeça de Rogério, como o ruído ritmado dum pêndulo de relógio. Onde estará Marta? Onde estará Marta?

Os minutos se sucederam, num não-acabar-de minúsculos deslocamentos dos ponteiros do seu relógio, imperceptíveis para

êle, enquanto lá embaixo os automóveis cruzavam-se velozmente, acendendo e apagando os faróis. Marta, sempre Marta, sua aparição numa tarde chuvosa, vestindo uma capa impermeável, os pés calçados em galochas brancas. Ficaram muito tempo, os dois, sob um toldo, a chuva copiosa caindo sem cessar. Ela rindo, um riso sonoro, como cristais se chocando. Depois um taxi os levou para um lugar discreto, livre do bulício da rua. Marta, sempre Marta de mãos nervosas, acendendo um cigarro, o rosto momentâneamente envolto numa tenue e azulada cortina de fumaça e, depois, de olhos cerrados, os cílios formando dois pequenos arcos no seu rosto moreno, esquecendo a boca úmida no cálice de conhaque. Confessou-lhe mais tarde, enquanto penteava os cabelos molhados pela chuva, que o conhaque era sua bebida predileta, por ser forte e excitante. Proporcionava-lhe alegria e um irresistível desejo de bailar na ponta dos pés. Marta, sempre Marta, bailando, o corpo esguio envolto num "pegnoir" de seda azul-claro, enchendo o apartamento com sua exuberante mocidade e seu suave perfume.

Rogério, encostado à janela, não viu os relâmpagos incendiando o céu, nem ouviu o ruído dos trovões, como muralhas se desmoronando. As primeiras bâtegas de chuva tamborilaram nas vidraças e, pouco depois, o aguaceiro caiu sôbre a cidade iluminada.

Onde estará Marta ? . . .

Onde estará Marta ? Procurar Marta, perguntar por ela, chamar por ela. As têmeoras de Rogério queimando, as mãos inquietas sôbre o peitoril da janela, a garganta ressequida, um irrefreável desejo crescendo dentro dêle, desejo de procurar Marta, crescendo, crescendo. . .

* * *

Pareceu-lhe que o elevador percorreu milhares de metros naquela descida interminável e foi tangido por uma dolorosa ansiedade que saiu à rua, para procurar Marta, sem perceber os relâmpagos incendiando o céu, os trovões, como muralhas desabando, sem sentir a chuva a ensopar-lhe os cabelos e escorrendo-lhe pelo rosto, uma grande esperança iluminando seus olhos desmesuradamente abertos. Marta, sempre Marta.

~~~~~  
Gêmeos . . .

- São como duas gotas d'água ! Como os distingue ?
- Pelos nomes. Um, chama-se Gastão; o outro, Benjamim.

# Transportes Coletivos

São Paulo é uma das cidades do mundo que apresentam os mais expressivos coeficientes de crescimento e de progresso.

A rapidez invulgar com que São Paulo cresceu nos últimos tempos tem criado sérios problemas, que a administração tem de enfrentar e resolver. A ascensão contínua da curva demográfica obriga os responsáveis pela manutenção dos serviços públicos essenciais a um notável dispêndio de energias, de molde a não ocasionar sérios transtornos para a vida da coletividade.

Dentre os serviços públicos primordiais, o de transporte coletivo fica em primeira plana. É o sangue a circular pelas artérias, sem cessar, de dia e de noite. Qualquer paralização, mesmo momentânea, pode causar ao corpo vivo de uma população febricitante, os mesmos distúrbios circulatórios que, por véses, afetam o corpo humano.

Essa tarefa, de imensa responsabilidade, está cometida a uma organização eminentemente nacional, constituída para garantir ao povo de Piratininga os serviços de transporte coletivo dignos de sua capital. É a Companhia Municipal de Transportes Coletivos.

O que essa Companhia tem feito em prol dessa patriótica finalidade, aí está, à vista de todos. Basta lançar-se um olhar retrospectivo, para apenas dois anos passados, para considerar-se a melhoria introduzida nos transportes públicos.

A cada dia, são ônibus novos que vêm engrossar a corrente de tráfego, qual sangue novo a circular nas veias de um enfermo, reconfortando-o, animando-o para viver uma vida melhor. São os tróleibus a marcar a introdução desse sistema de transporte no Brasil, servindo de padrão de orgulho à engenharia nacional que projetou a linha e a construiu.

A CMTC é um patrimônio do povo, que deve ser guardado pelo povo. Seus empregados estão a serviço do público e são instruídos e orientados para bem servi-lo.

Não visa a lucros, pois foi constituída com o capital fornecido, na sua maior parte, pelo Estado e pelo Município, para que se obtenha a manutenção do serviço pelo custo.

Fiel ao cumprimento das obrigações que assumiu com o povo para servi-lo, sem duvida, conta a CMTC com a colaboração do povo para que seus serviços sempre se desenvolvam à altura do progresso e do desenvolvimento ímpar de São Paulo.

# ALFARRÁBIOS

## — Os Almanagues da Fôrça Pública —

Cel. *Sebastião Amaral*

### — I —

A Fôrça Pública do Estado de São Paulo, como as demais corporações armadas, edita um Almanaque anualmente, com dados referentes aos oficiais e demais elementos informativos de administração ou técnicos.

A coleção dêsses almanagues que possuímos, compõe-se de vinte e quatro volumes editados nos anos de: 1812, 1914, 1917, 1919, 1922, 1926, 1929, 1934, 1935, 1937 e 1939 a 1949. Não nos consta a existência de outras edições a partir de 1912 ou mesmo anteriormente. A de 1912 intitulava-se «*Almanak dos Officiais e Auxiliares da Fôrça Pública do Estado de São Paulo*»; a de 1913 simplesmente «*Almanack da Fôrça Pública do Estado de São Paulo*», enquanto que aos de 1914 à 1929 era acrescentado: *organizado na repartição da assistência do Comando Geral*».

Na edição de 1934 ao mesmo título «*Almanaque da Fôrça Pública do Estado de São Paulo*», era acrescentado «*organizado no E/M. da Fôrça por uma comissão especial*». As edições de 1935 e 1937 constava, além do título acima referido, «*organizado no Gabinete do Comando*», enquanto que às de 1939 e 1940 se lhe acrescentava «*organizado no E/M. da Fôrça Pública*», sendo certo que a de 1940 se referia a «*Fôrça Policial*». As edições de 1941, 42 e 43 tinham o título de *Almanaque da Fôrça Policial do Estado de São Paulo, organizado na III/E.M. da Fôrça Policial*». A edição de 1944 trazia uma observação na segunda página do seguinte teor:— «*O presente almanaque constitui o volume IX da série de almanagues, iniciando-se a contagem a partir de 1934, ocasião em que foi reorganizada a publicação em face do contido em o boletim geral n.º 125 de 26 de setembro de 1933*». O almanaque de 1934 constitui o vol. I, tendo sido iniciado pela Comissão:

- ten. cel. Artur Hesketh Hall — Presidente
- major Coriolano de Almeida Júnior
- capitão Djalma Ribeiro dos Santos
- capitão Heliodoro Tenório da Rocha Marques
- 1.º ten. Jaime Bueno de Camargo

e ultimado pela comissão:

- major Coriolano de Almeida Júnior, como Presidente
- capitão Djalma Ribeiro dos Santos
- capitão Benedito Marcondes da Costa
- 1.º ten. Jaime Bueno de Camargo

Os volumes seguintes da presente série de almanaques passam a ser, visto que não foram editados os de 1936 e 1938, vol. II — (1935), vol. III — (1937), vol. IV — (1939), vol. V — (1940), vol. VI — (1941), vol. VII — (1942), vol. VIII — (1943), vol. IX — (1944). O título das edições de 1944 a 1947 era o que segue: «Almanaque da Fôrça Policial do Estado de São Paulo — III/E.M.». A edição de 1948 e a do corrente ano modificou-se para o seguinte: «Almanaque da Fôrça Pública do Estado de São Paulo. Gabinete do Comando».

E' interessante observar-se a evolução da forma como se vem grafando a palavra «Almanaque», assim é que a edição de 1912 — nos aparece com «Almanak», — a de 1913, «Almanack», — as de 1914 a 1922 «Almanach», a de 1926 «Almanack», as de 1927 a 29 ainda como: «Almanach», a de 1934 aparece pela primeira vez com «Almanaque», as edições de 1935 e 1937 voltaram a ser «Almanach», a partir de 1939, firmou-se, até a edição atual de 1949 como sendo: «Almanaque». A edição mais antiga de 1922 era muito simples, trazendo na primeira página dados sôbre as datas de eleições e posse do Presidente do Estado, dr. Manoel Joaquim de Albuquerque Lins; na página seguinte dados quanto às datas de nomeação do Sécretario dos Negócios da Justiça e da Segurança Pública, dr. Washington Luiz Pereira de Souza e na terceira página, dados quanto à data de nomeação do Comandante Geral da Fôrça Pública, coronel Antônio Batista da Luz. Os Corpos, Repartições e Serviço Sanitário, vinham relacionados a partir da 9.ª página até a 21.ª, com discriminação dos Comandantes, Chefes e demais auxiliares, nominalmente, e funções que ocupavam. A 22.ª página era reservada à nomenclatura das convenções. Encontramos na 23.ª página a relação dos Auxiliares e Serviço Sanitário, com dados referentes a nomes, nascimento e nomeações e uma casa para observações. Como auxiliares só é computado o Auditor, ten. cel. dr. Pedro Augusto Gomes Gardim. No Serviço Sanitário existem seis médicos, um dentista e dois farmacêuticos. E' interessante registrar-se que, entre os médicos, encontrava-se o major dr. Henrique Thompson, nascido em 3 de maio de 1842, portanto, na época do almanaque com 70 anos de idade. A página 23 era reservada ao pessoal do Serviço Telegráfico, todos ci-

vis com funções definidas, bem como ao veterinário. na página 25 estavam relacionados os oficiais da Banda de Música com discriminação de postos, nomes, datas de nascimento, praça e promoção, bem como uma casa de observações. A partir da folha 26 até a folha 58 estão relacionados todos os oficiais componentes da Fôrça Pública, com especificação dos postos, número, nome datas do nascimento, de praça e das promoções aos diversos postos, corpo, serviços de campanha e observações. Finalmente, à última folha — 59, encontravam-se os inferiores aprovados nos exames do Curso Geral e do Curso Especial de Instrução Militar, separados os de Cavalaria dos de Infantaria, sendo dois daqueles e onze destes. Podemos afirmar que nenhum dos oficiais e mesmo dos inferiores constantes deste almanaque estão em atividade na Fôrça Pública, sendo certo que poucos são os sobreviventes, reformados ou na reserva.

Publicamos este singelo trabalho como introdução a uma série de particularidades do nosso Almanaque. Nosso escopo, compulsando alfarrábios, é rememorar aspectos interessantes para a história da Fôrça Pública, no que tange a fatos e pessoas esquecidos pelos velhos e não conhecidos pelos jovens, da nossa centenária corporação.

## USADO e RECOMENDADO

pelas boas donas de casa!



Compre ainda hoje uma  
lata do óleo LIRIO!

Produzido de amendoim  
selecionado, o óleo  
LIRIO é nutritivo, gos-  
toso e econômico.



# ÓLEO Lirio

PURÍSSIMO DE AMENDOIM

ANDERSON, CLAYTON & CIA. LTDA.

# NOTICÁRIO

## Recepção no Regimento de Cavalaria

Reuniu-se a oficialidade do R. C. a fim de receber o 1.º tenente Roberto Mondino, recém-chegado de França, após estagiar na Escola de Cavalaria de Fontainebleau e na Gendarmerie de Paris.

Desnecessário seria encarecer a influência benéfica da cultura

litar estrangeira no Brasil, e tão animadores foram os seus frutos, que não demorou o Exército Nacional em ir buscar na pátria do imortal Bonaparte instrutores para os seus quadros.

Nós, que tivemos ocasião de encarecer, pelas páginas de



Objetiva tomada na Escola de Cavalaria de Fontainebleau, onde vemos o nosso camarada Ten. Roberto Mondino em companhia de oficiais alunos, franceses e um venezuelano.

francêsa, facho fulgurante a iluminar os horizontes espirituais da humanidade, sôbre a nossa formação. Tivemos, de terras gaulesas, a primeira missão mi-

MILITIA, a necessidade de enviarmos oficiais ao estrangeiro para colher ensinamentos, rejuvilamo-nos com o regresso dos cap. Evaldo Pedreschi e ten.



Mondino, que estiveram no exterior em missão de estudos. Os benefícios dêsse passo avançado não se farão esperar.

Vibrando pela "volta do filho ao lar paterno", o Regimento engalanou-se e proporcionou ao homenageado recepção eminentemente fraternal.

Como convidados especiais estiveram presentes o Comandante Geral e o Chefe do Estado Maior. Fizeram uso da palavra o cel. Eleuthério Brum Ferlich, o ten. Felix de Barros Morgado e o ten. cel. Cândido Bravo, comandante do Regi-

mento, todos enaltecendo o brilhante desempenho do tenente Mondino, que mereceu do comandante da Escola de Cavalaria de Fontainebleau os mais altos encômios.

Visivelmente emocionado, agradeceu o ten. Mondino a homenagem e as expressões elogiosas de que fôra alvo.

Após o brinde ao homenageado, foi, por todos os presentes, cantado o Hino da Cavalaria.

MILTIA, especialmente convidada, esteve presente nessa reunião de carinho e apreço.

## Cadetes do ar, da França, visitam o C. I. M.



Os cadetes do ar da República Francesa, em maio, visitaram a Capital Bandeirante. Damos acima um flagrante dos futuros aviadores gaulêses em visita ao Centro de Instrução Militar da Força Pública, onde tiveram oportunidade de se confraternizar com os colegas desta Corporação.

### EQUIVOCO

Quando terminou a guerra de 14, a delegação alemã se aproximou do marechal Foch para pedir as condições do armistício, e o grande francês pegou uma folha de papel que estava sobre a mesa, passando a ler uma série de cláusulas.

"— Mas deve haver equívoco!" exclamou, atordoado, o chefe da comissão alemã. — "Nenhuma nação civilizada poderia impôr condições dessa natureza!"

"— Ah! Pois muito me agrada ouvi-lo dizer isso" — replicou Foch com gravidade. — "Não, senhores, não são essas as nossas condições. O que acabo de ler são as condições impostas pelos alemães à cidade de Lille, quando esta se rendeu."

## Comemorando Riachuelo

No quartel do II/Esq. Rec. Mec., desta Capital, na data comemorativa de Riachuelo, teve lugar solenidade de alto cunho cívico, ressaltando aquela nossa epopéia naval.

Ao ato estiveram presentes s. excias. o gen. Henrique Batista Ferreira Lott, comandante da 2ª R.M. e gen. Emanuel Azambuja Brilhante, sub-comandante, além de altas patentes da Aeronáutica, Marinha e delegações do Exército Norte-americano.

Nessa ocasião prestaram juramento à Bandeira os recrutas das diversas unidades do E.B. aquarteladas no Estado de São Paulo, sendo condecorados com medalhas de guerra e de bons

serviços diversos oficiais, entre os quais foi agraciado com a **Cruz de Combate** o cel. Aníbal de Andrade, que vem exercendo as funções de Diretor Geral de Instrução da Fôrça Pública.

«Militia», que esteve presente à solenidade, se congratula com o cel. Aníbal pelos significativos termos contidos no diploma que acompanha sua condecoração, onde são enaltecidos seus feitos como sub-comandante do 6.º R.I., durante as operações que redundaram na conquista de CASTEL NUOVO e SOPRASASSO, "revelando sempre bravura, calma e iniciativa, esquecendo-se de si próprio para que nada faltasse aos seus soldados».

## Importadora Pindorama S/A

CASA FUNDADA EM 1924

IMPORTAÇÃO DIRETA

Ferragens — Artigos de caça e pesca — Armas, munições e explosivos  
Papéis em geral para embrulho — Sacos vazios novos de juta e algodão para cereais.

AV. TIRADENTES, 184

Tel. 6-6255

End. Telegr.: "PINDORA" — Caixa Postal, 1120 — SÃO PAULO - Brasil

### QUASE QUEBRARAM O PESCOÇO...

Certo dia, soldados que iam num bonde ouviram uma voz feminina dizendo ao condutor: "Espere, que eu vou tirar a roupa!".

Todos quase quebraram o pescoço para olhar... e o que viram foi uma velha preta lavadeira retirar uma trouxa de roupa, da plataforma trazeira do bonde.

## Baile caipira

Revestiu-se de um brilhantismo invulgar a festa Junina realizada pelo Clube Militar da Força Pública, na noite de 28 de junho do corrente ano, nas dependências do Clube Hípico de Santo Amaro, gentilmente cedidas por esta sociedade.

Assim em um ambiente próprio, característica e caprichosamente adornado, nada faltou para que os associados do Clube Militar e seus convidados se sentissem realmente em uma festa campestre: — fogueiras, ascensão de mastro em homenagem aos santos do mês, grande queima de belíssimos fogos de artifícios, churrasco, quentão, doces caseiros, músicas e danças regionais, destacando-se entre os números cuidadosamente preparados pela Comissão de Festas, o “casamento” a caráter, realizado entre a matuta Maria Angélica e o «alinhado» jovem Birajara Bravo, e a quadrilha dansada pela comitiva do «casamento», sob a direção dos «padrinhos dos noivos»:— Nhô Ardo e Nhá Bigair.

Logo após a quadrilha houve distribuição de dois interessantes mimos, ofertados pela Diretoria do Clube, às senhorinhas Aquino e Albuquerque, julgadas, por uma comissão de senhoras e senhoritas de nosso mundo social, como as damas que maior originalidade característica tomaram parte na festa.

Reunião alegre, cheia de surpresas, proporcionou aos que lá compareceram, uma noite agradável e encantadora.

Os parabens de «Militia» à atual Comissão de Festas do Clube Militar, que, iniciando de maneira promissora as suas atividades sociais, deu-nos com a Festa Junina de 1949, bela demonstração de sua capacidade realizadora no vasto campo de ação que lhe é reservado no seio da entidade.

—//—

Na contra-capá deste número, aspectos da Festa Junina, no Clube Hípico de Santo Amaro, fixados pela objetiva de “MILITIA”.

**Capitão Dr. José Nogueira Sampaio**

**ADVOGADO**

\* \* \*

Rua Barão de Itapetininga n.º 50 — 7.º andar, salas 725 a

729 — Telefones 6-6216 e 4-4210

**SÃO PAULO**

## Baile de São Pedro no Centro Social dos Sargentos



O clichê apresenta um aspecto da animada reunião dansante que o C.S.S. fez realizar na sede social, na avenida Rangel Pestana.

### **LOTÉRIAS**

**SÓ NOS CAMPEÕES DA SORTE**

**Antunes de Abreu Ltda.**

**RUA 15 DE NOVEMBRO, 35**

**SÃO PAULO**

## Capitão boliviano e camaradas de outros Estados estudam na Fôrça Pública



Ao centro o cap. Saul Casanovas, do Corpo de Carabineiros da Bolívia e o secretário de MILITIA, ladeados por camaradas das Polícias Militares dos Estados de Goiás, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina, alunos da nossa Escola de Oficiais. O cap. Casanovas encontra-se entre nós estudando a organização da Fôrça Pública e matriculado no Curso de Informações e Instrução Policial.

\* \* \*

### ISTO ACONTECEU...

Numa cidade do interior do Estado, o soldado de piquete à Delegacia de Polícia recebeu, com bastante espanto, uma chamada telefônica duma senhora, que se queixava de que o seu filhinho de três anos queria dormir. Pedida ela, então, à polícia, que lhe mandasse um soldado para assustar o menino...

---

## CAFÊ ROCHA — o amigo dos bons paladares

---

## Promoções

Por decretos de s. excia. o Governador do Estado de São Paulo, foram promovidos neste bimestre, a contar de datas diversas, os seguintes oficiais:

### NO QUADRO DE COMBATENTES

#### por merecimento

— ao posto de coronel, os tens. ceis. Heliodoro Tenório da Rocha Marques, do C.I.M. - João de Quadros, do 1.º B.C. e Dermeval Mariano, do B.P.

— ao posto de tenente-coronel, os majores, Guilherme Rocha, do B.G. - Oscar Luiz Conciestré, do 6.º B.C. - Cândido Bravo, do R.C. - Naul de Azevedo, do Q.G. - José Canavó Filho, do 7.º B.C. - Benedito Antunes Chaves, do 4.º B.C. - José Lopes da Silva, do C.I.M. - Sebastião Porfírio da Silva, do 2.º B.C. e João de Oliveira Melo, do Q.G.;

— ao posto de major, os capitães Otávio Gomes de Oliveira, do C.B. - Rubens Teixeira Branco, do C.I.M. - Augusto Ferreira Machado, da 2.ª Cia. Ind. - José Moreira Cardoso, do Q.G. - Benedito Soares, do S.M.B. - Agenor de Almeida Castro, do R.C. - Benedito Elpídio Hidalgo, do Q.G. - Zeferrino Astolfo de Araujo Filho, do B.P. - Paulino Vieira das Neves, do C.B. - Alfredo Condeixa Filho, do Q.G. e João Urbano de Aguiar, do B.G.;

— ao posto de capitão os primeiros tenentes, Antônio de Araujo, do B.G. - Alfredo Costa Júnior, do Q.G. - Francisco Etoze Gianico, do B.P. - Guilherme Ernesto Orth, do C.I.M. - João de Aquino, do C.I.M. - Adauto Fernandes de Andrade, da E.E.F. - João Vieira de Matos e Milton Ciriaco de Carvalho, do Q.G. - Valdemar de Oliveira Urbano, do C.B. - Joaquim Gouvêa Franco Júnior, do S.Trns. - Raimundo Ari de Menezes, Hélio de Lima Carvalho, do Q.G. e Juvenal Vieira, do R.C.;

— ao posto de primeiros tenentes, os segundos tenentes, Anselmo Peres, do C.I.M. - Tancredo Colago, do S.T.M. - Armando Soares e Alonso Tenório Diniz, do B.P. - Júlio Cesar Verlangieri, do 7.º B.C. - Itaboraí Viana Martins, do R.C. - Odilon Spinola Neto, do C.B. - Paulo Franco Marcondes, do 7.º B.C. - Frederico de Campos Pimentel, do Q.G. - Urbano Lopes Fonseca, do Q.G. - João Aureo Campanhã, da E.E.F. - Ari José Mercadante, do 6.º B.C.;

#### por antiguidade

— ao posto de tenente-coronel, os majores Luiz Gonzaga de Oliveira, do Q.G. - Manoel Marques Machado, do S.M.B. - Luiz Pereira Leite, do Q.G. e Laércio Gonçalves de Oliveira, do 8.º B.C.;

— ao posto de major, os capitães, José Ferreira Lameirão, do C.B. - Acarí França, do 8.º B.C. - Paulo Soares de Moura, do Q.G. - Clodomiro Santana, do B.G. e Otacílio Vieira, do 7.º B.C.;

— ao posto de capitão, os primeiros tenentes, Antônio Augusto de Souza Filho, do 3.º B.C. - Tomaz de Aquino Machado, do 6.º B.C. - Paulo Foot Guimarães, do 7.º B.C. - Otávio Castro de Freitas Costa, do S.F. - Mário Timóteo de Oliveira, do S.I. - João Sales, do 8.º B.C. - Júlio Josué de Vasconcelos, do 1.º B.C. - Cecílio do Amaral Costa, do 1.º B.C. - Lázaro Oréfice de Campos, do C.I.M., Lúcio França Aires, do 3.º B.C. - Otávio Cruz, do S.F. - Raul Lanziloti, do 5.º B.C. e Plínio Oseas da Silva, do Q.G.;

— ao posto de primeiros tenentes, os segundos tenentes, Roberto Silva de Carvalho - do 6.º B.C. - Paulo Marques Pereira, do C.I.M. - Aurélio Pedrazoli, do B.P. - Aloísio Borges, do 8.º B.C. - Vicente

de Falco, do 1.º B.C. - Osvaldo Teixeira Pinto, do 8.º B.C. - Ricardo Gonçalves Garcia, do 2.º B.C. - Inajá Rodrigues de Barros, do 1.º B.C. - Cláudio Gomes da Costa Neto, do C.B. - José Geraldo Arantes, do 1.º B.C. - José Gomes da Silva, do 1.º B.C. - Lázaro Valter Ribeiro, do R.C. - Amadeu José Faustino, do R.C. e Conrado Galvão de Castro, do 1.º B.C.;

#### NO QUADRO DE ADMINISTRAÇÃO por merecimento

— ao posto de tenente-coronel, os majores Luiz Teixeira Ribeiro Soares, do S.I. e Aparício de Barros Messias, do S.F.;

— ao posto de major, os capitães Homero Santos, do C.B. e Jonas Xavier Lopes, do S.I.;

#### por antiguidade

— ao posto de capitão, o 1.º tenente Benedito da Silva Mattos.

*Aos promovidos "MILITIA" apresenta seus cumprimentos e lhes deseja felicidades no novo posto.*

---

### COMANDANTES DA FÔRÇA PÚBLICA

A Fôrça Pública nestes seus 118 anos de existência viu passar pelo seu comando 42 oficiais, sendo:

|                                    |    |
|------------------------------------|----|
| — efetivos do Exército . . . . .   | 17 |
| — reformados do Exército . . . . . | 12 |
| — da própria Corporação . . . . .  | 13 |
| Soma . . . . .                     | 42 |

# Abreviando a expedição

«MILITIA» é agora endereçada mecânicamente

Sempre disposta a dar passadas largas, "Militia" pode anunciar aos seus assinantes e leitores que acaba de inaugurar mais um importante melhoramento.

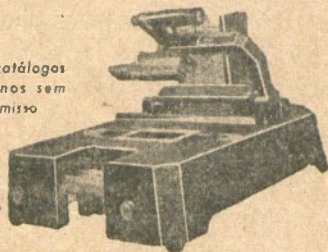
A máquina de endereçar

*Igpecograph*

poupa tempo e trabalho

Aplique em sua secção de expedição uma máquina de endereçar Igpecograph, a exemplo do que tem sido feito pela maioria dos Bancos e grandes firmas de todo o Brasil. Igpecograph lhe proporcionará exactidão absoluta com menor desperdício de tempo, evitando os erros de datilografia.

Peça-nos catálogos  
ou visite-nos sem  
compromisso



INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MÁQUINAS DE ENDEREÇAR  
IGNE, PETRONE & CIA.

Praça da Sé, 170 - 1.º andar - Telefone 2-8188 - C. Postal 1550  
End. Teleg. "Igpeco" - São Paulo

Ontem dizíamos que cada vez mais estamos procurando resolver o problema desta revista chegar às mãos de seus assinantes com a maior rapidez possível. E anunciávamos que este órgão passou a ser distribuído por via aérea.

Hoje, renovando aquela assertiva e agindo naquele mesmo sentido, auspiciosamente damos a conhecer aos assinantes que adquirimos um fichário especializado e "Militia" passou a ser endereçada mecânicamente pelo sistema «Igpecograph», que muito simplifica os trabalhos de expedição. Assim, tão logo nos é entregue a revista impressa, imediatamente é processado o seu endereçamento e a seguir feita a expedição.

Com o endereçamento mecânico e outras providências já tomadas esperamos, dentro deste exercício, colocar nossa publicação em dia.

---

## CAFÉ ROCHA, O INSUPERÁVEL





educação  
física e **DESPORTOS**

## Torneio de Inverno da Fôrça Pública

O calendário esportivo da Fôrça Pública foi iniciado com o Torneio de Inverno, a tradicional justa de voleibol que reúne centenas de atletas, dos círculos de oficiais e sargentos, em chaves distintas, nos mais empolgantes encontros. Este ano, aos quadros da Capital, veio juntar-se a pujante e aguerrida representação do 3.º B.C., sediado em Ribeirão Preto, com seus quadros de oficiais e sargentos que deram, não há negar, um colorido todo especial ao torneio.

Na vasta planície da avenida Cruzeiro do Sul, onde se erguem as instalações da nossa veterana Escola de Educação Física, na manhã de 21 de junho, enfeitada de garôa, deu-se início à competição com empolgante cerimonial de abertura. As 18 equipes, com seus vistosos uniformes, rigorosamente alinhados e com aprumo admirável, formaram no gramado de futebol, ao lado da reta da pista de corridas, ao comando do major Sebastião Porfírio da Silva, o oficial mais graduado que se

inscreveu no certame. Já se achavam no local o cel. Aníbal de Andrade, Diretor Geral de Instrução, e todos os Comandantes de Unidades e Chefes de Serviço da Capital, delegações de oficiais e praças de todos os corpos, quando o cel. Odilon Aquino de Oliveira, Chefe do Estado Maior, que comparecia com as prerrogativas de seu alto cargo e como representante do sr. cel. Eleutherio Brum Ferlich, nosso digno Comandante Geral, deu entrada no Estádio, onde foi recebido pelo Comandante Interino da Escola de Educação Física e demais autoridades presentes. À sua aproximação do local de formatura, as equipes se perfilaram em continência à voz do major Sebastião Porfírio da Silva. A banda de música que encabeçava as turmas atléticas, executa os acordes de um dobrado. O Chefe do E.M. passa em revista a todas as equipes. Depois, vem o Juramento do atleta. Repetindo em côro as palavras pausadas e solenes do major Sebastião Porfírio da Silva, aquela

mocidade vibrante jura «bater-se com lealdade, cavalheirismo e bravura na defesa das côres de suas unidades, com o pensamento voltado para a grandeza da educação física da Fôrça Pública, para maior glória do esporte de São Paulo, para um desenvolvimento maior da raça brasileira». Após o Juramento que lembrou ao repórter de «Militia» as encantadoras justas da planície de Élide, na Grécia, e o apostolado de Coubertin, seguiu-se o desfile das delegações, em continência às autoridades, puxado pela banda de música. Terminado o cerimonial de abertura, tiveram início os jogos, de acôrdo com o calendário organizado pelo Departamento Técnico da Escola de Educação Física.

Convidados, especialmente, compareceram ao cerimonial de abertura, dando-lhe um relêvo todo especial, o cap. Sílvio de Magalhães Padilha, diretor do Departamento de Esportes e presidente da Associação dos Professores de Educação Física, o major dr. Artur Alcaide Valls, diretor do Departamento de Educação Física, o prof. Antônio Boaventura da Silva, diretor técnico do Departamento de Educação Física, o prof. Idílio Alcântara de Oliveira Abade, alto expoente da nossa educação Física, o cap. Otávio Carlos Gonçalves, presidente da Federação Paulista de Voleibol, representantes do Club de Regatas Tietê e outras entidades desportivas, atletas e pessoas gra-

das. A Gazeta Esportiva, convidada permanente das justas desportivas da Fôrça Pública, esteve presente e tomou várias objetivas.

Antes do início do primeiro jôgo, presentes as equipes que se iam defrontar e altas autoridades militares e desportivas, o cap. Otávio Gonçalves pede a palavra e dirige calorosa saudação à Fôrça Pública e à sua Escola de Educação Física, pelo muito que vêm fazendo pela difusão do esporte e da educação física em nossa terra. Louva o intercâmbio entre a nossa Corporação e a Federação que preside que estava disputando jogos dos seus torneios oficiais em nosso ginásio, graças à boa vontade e alta visão do nosso ilustre Comandante Geral que o cedeu espontâneamente. Fazia apologia de um entendimento maior da Fôrça Pública com a sua Federação e como símbolo da grande amizade já existente, oferecia à Escola de Educação Física uma flâmula da mentora do voleibol bandeirante. O cap. Arrisson de Souza Ferraz agradeceu, em nome da Escola, à alta distinção e às cativantes palavras do fidalgo esportista que superintende o voleibol de São Paulo.

De 21 a 27 de junho, com jogos simultâneos nas duas quadras da Escola, nas quadras do Batalhão de Guardas, 1.º de Caçadores e Regimento de Cavalaria, desenvolveram-se os embates programados, pelo sistema de poules. O Torneio foi empol-

gante do comêço ao fim. Caracterizou-se pelo equilíbrio de potencial técnico das equipes. Entre sargentos, o Corpo de Bombeiros apresentou-se em melhores condições do que os seus rivais mas encontrou adversários poderosos, nos quadros dos 1.º e 3.º B.C., que por vêzes fizeram perigar a sua posição de líder. Os quadros do Batalhão Policial e Quartel General também estavam bem ajustados e valorosos. Na disputa entre os sextetos de oficiais, porém, a causa foi sensacional. Até a rodada final não se sabia quem seria o campeão, tão acentuada era a igualdade de recursos entre as turmas dos 3.º B.C., Corpo de Bombeiros e Batalhão Policial. Esse equilíbrio ficou mais patente, quando após o último encontro, ficaram os três concorrentes em igualdade de condições, com o mesmo número de vitórias e derrotas, o que obrigou a direção do Torneio a decidir a classificação pelo sistema de melhores vitórias, previsto no regulamento da competição. Houve algumas censuras a êsse critério, mas elas não se fundavam em bases sólidas. O desempate por melhores vitórias estava consagrado no regulamento e devia ser obedecido. E' do esporte e o esportista devotado o sabe. Desrespeitá-lo é cerrar ouvidos à razão. A Escola não podia tomar outro caminho.

A classificação em cada círculo foi a seguinte :-

#### Círculo de Oficiais

- 1.º lugar - B.P. . . 10 pontos
- 2.º lugar - C.B. . . 9 pontos
- 3.º lugar - 3.º B.C. 8 pontos
- 4.º lugar - Q.G. . . 7 pontos
- 5.º lugar - C.I.M. . 6 pontos
- 6.º lugar - R.C. . . 5 pontos
- 7.º lugar - 1.º B.C. 4 pontos
- 8.º lugar - 2.º B.C. 3 pontos
- 9.º lugar - B.G. . . 2 pontos

#### Círculo de Sargentos

- 1.º lugar - C.B. . . 10 pontos
- 2.º lugar - 1.º B.C. 9 pontos
- 3.º lugar - 3.º B.C. 8 pontos
- 4.º lugar - B.P. . . 7 pontos
- 5.º lugar - Q.G. . . 6 pontos
- 6.º lugar - B.G. . . 5 pontos
- 7.º lugar - 2.º B.C. 4 pontos
- 8.º lugar - C.I.M. 3 pontos
- 9.º lugar - R.C. . . 2 pontos

#### Classificação Geral

- 1.º lugar - C.B. . . 19 pontos
- 2.º lugar - B.P. . . 17 pontos
- 3.º lugar - 3.º B.C. 16 pontos
- 4.º lugar - Q.G. e 1.º B.C. 13 pontos
- 6.º lugar - C.I.M. 9 pontos
- 7.º lugar - B.G., R.C. e 2.º B.C. 7 pontos

Conquistou o Corpo de Bombeiros as taças «Campeão do Torneio de Inverno de 1949», «Campeão dos Círculos de Sargentos e medalhas individuais. O Batalhão Policial o trofeu «Campeão do Círculo de Oficiais» e medalhas individuais.

A solenidade de encerramento do Torneio de Inverno constituiu-se em grande acontecimento desportivo, militar e social. Presidiu-a o sr. coronel Eleutherio Brum Ferlich, operoso Comandante Geral, que se

# JOÃO BATISTA ANTONIO ALARIO

— Fornecedor da Fôrça Pública —

Forragens em geral, capim para colchões, colchões de capim e crina vegetal, por atacado.

\* \* \*

— Escritório: R. Bueno de Andrade, 416 — Fone 7.3651 —

achava ladeado pelos srs. coronéis Odilon Aquino de Oliveira, Chefe do Estado Maior, Aníbal de Andrade, Diretor Geral de Instrução, todos os Comandantes servindo na Capital, cap. Otávio Gonçalves, presidente da Federação Paulista de Voleibol, professor Idílio Alcântara de Oliveira Abade, representante da Associação dos Professores de Educação Física, delegações de todos os Corpos da Fôrça, esportistas do mundo civil e representantes da imprensa.

Após rápidas palavras do Comandante da Escola, que fez ligeiro retrospecto do desenrolar da competição, que classificou, com justiça, como uma das mais notáveis da vida do Torneio de Inverno, o sr. cel. Eleutherio Brum Felich, em brilhante improviso, disse da sua satisfação por aquela empolgante realização da Escola de Educação Física, enalteceu o valor do esporte na preparação das gera-

ções e qualificou-o de imprescindível para as Corporações Militares, e concitou a todos os seus comandados às práticas físicas para fortalecimento de suas resistências orgânicas e aprimoramento da fortaleza Moral.

«Militia», que acompanhou de perto todo o desenrolar da sencional competição e pôde, por isso, aquilatar da sua impecável organização e desenvolvimento, sente-se ufana em congratular-se com o sr. coronel Ferlich, pelo êxito alcançado, atestado eloqüente do carinho e do aprêgo que o seu ilustrado comando dispensa à educação física da Fôrça Pública. Saúda, também, as unidades vencedoras do Torneio e tôdas as outras que participaram, pela correção com que se portaram, concorrendo umas e outras, como seus denodados atletas, para uma jornada que dignificou o renome desportivo da Fôrça Pública.

---

**CAFÊ ROCHA,** o amigo dos bons paladares

---

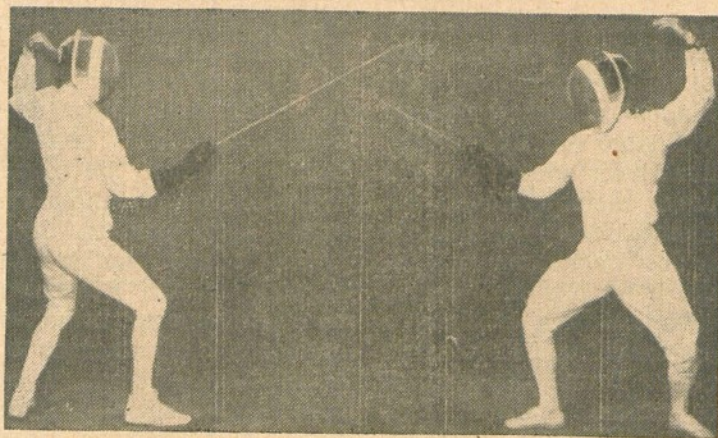
## Festa da esgrima a um esgrimista de escôl

— Homenagem ao Capitão Frêderico Moreira —

Reportagem pelo cap. Arrisson de Souza Ferraz

O Clube de Regatas Tietê, coluna mestra do esporte bandeirante e brasileiro, acaba de comemorar, com um programa seletivo que se prolongou por vários dias, a efeméride memorável de seu aniversário de fundação. Assisti a várias solenidades das festas jubilares do simpático e tradicional grêmio da Praça dos Esportes e sentimento dominado de grato prazer

palpitava, em tôda a sua plenitude, o verdadeiro espírito desportivo, de aperfeiçoamento físico e moral, pelo exercício, pela harmonia do movimento dirigido, que nasceu lá, na encantadora Olímpia, contemplando os montes lendários do Peloponeso, espirando o perfume do bosque sagrado das oliveiras de Altis e ouvindo o marulho sonoro das águas azuis do Al-



espiritual, ao contacto daquela falange fidalga e operosa que é tôda a grande família do Tietê — dirigentes e associados — que mostrava, a cada passo, a beleza do ideal desportivo e a pujança de uma agremiação modelar.

Nas solenidades comemorativas do Clube de Regatas Tietê

feu e do Cladeus. Por feliz coincidência, ali, no estádio do grêmio dêsse «gentleman» que é Raul Leme Monteiro, no encanto das festas comemorativas, havia o ideal alevantado da Hélade milenária e uma semelhança admirável com os cenários das competições de antanho, nos arredores de Pisa: a

planície vasta e acolhedora, insulada por dois rios sagrados dos paulistas, o Tietê e o Tamanduateí, mais para além, para as bandas do nordeste, as fraldas da Cantareira, de dorso anilado, e as alamedas de eucaliptos, substituindo as olivais plantadas por Hércules.

A primeira das solenidades - e é esta a que vou reportar, porque a descrição de todo o programa daria obra volumosa - foi dedicada, na noite encantadora de 1.º de junho, à consagração do ilustre soldado capitão Frederico Moreira que completava, naquele dia, nada menos de seis lustros, nada menos de trinta anos, como mestre d'armas do Clube. Era uma festa da esgrima a um esgrimista de escol. Lá estavam os mais credenciados representantes do esporte fidalgo em São Paulo, as lâminas mais adestradas dos esgrimistas metropolitanos, altos dirigentes das mentoras do esporte dos Laboessier em Piratininga e no Rio de Janeiro. Lá estava a Fôrça Pública, a Entidade máter das Escolas de Esgrima do Brasil, representada pelo tenente coronel José Hipólito Trigueirinho, especialmente designado pelo nosso comandante geral, coronel Eleuthério Brum Ferlich; lá estava, também, a nossa Escola de Educação Física, onde o homenagem se formou e integrou o corpo docente, por vários lustros.

A Sala de Armas do Tietê, palco da encantadora festa, a-

brigava, além dos altos expoentes da esgrima, já mencionados, uma assistência seleta. Luzes feéricas e quadros evocativos davam-lhe um colorido singular. Em u'a mesa, ao centro, Raul Leme Monteiro, ladeado por autoridades e esportistas, dá início à solenidade, com rápido e brilhante improvisado, no qual exalçou os grandes recursos do mestre d'armas e os excelentes atributos de coragem e de espírito do cidadão modelar, que há trinta anos, exatamente, alí distribuía preciosos ensinamentos. Depois, passa a palavra aos oradores programados para saudar o grande mestre. Fala, em primeiro lugar, a menina Cinthia Viggiani. Não tinha mais de 12 anos de idade. Com uma das mãos, gesticulava, acompanhando as frases bonitas que havia guardado de memória: com a outra empunhava um florete. Sua palavra inocente, terna, suave, enaltecendo ó «grande mestre Frederico que há trinta anos nos brindava com preciosos ensinamentos e com o seu trato fidalgo e acolhedor», tinha encantos irresistíveis. A assistência ficou encantada. Falou, depois, o jovem Ronald Lima. Sua oração foi bela, incisiva e eloquente. Surge, após, mais uma voz feminina, a da senhorita Marilandes Bonetti que teve frases buriladas para o «Professor dedicado e incomparável». Fala, por fim, o 1.º ten. da Fôrça Publica Francisco Antônio Bianco Jú-

nior. Sua oração foi formosa, substancial e erudita. Historiou, correu mundos, transpôs oceanos, vadeou torrentes, escalou montanhas. Foi ao oriente; passou ao ocidente e fêz a volta dos continentes, com a esgrima. Dedicou belas palavras aos criadores da esgrima brasileira e fez justiça à Força Pública, pioneira do esporte fidalgo em nossa terra. Citou Pedro Dias de Campos, Delfim Balancié, Manoel Esteves Gamoeda, Faustino da Silva Lima, Antônio Pietscher, Roberval de Menezes, João Marques, Henrique de Aguiar Valim e outros vultos da esgrima bandeirante e brasileira. Teceu, por fim, carinhoso hino às virtudes técnicas e morais do homenageado.

Comovido, enleado até ao extremo, o cap. Frederico Moreira respondia, em rápido improviso a cada um dos oradores. Seu coração boníssimo e grande parecia aflorar de seus lábios, nas suas palavras simpies e repassadas de sinceridade. Entre outras, guardei esta bela imagem do consagrado mestre, ao agradecer às saudações da interessante e espirituosa menina Cinthia Viggiani: «Cinthia, eu cruzei lâmina com autoridades esgrimísticas e renomados campeões e sempre encontrei engenho e arte para desviar de meu corpo os seus certos golpes. Hoje, porém, não tenho recursos para desviar de meu coração as suas palavras, mais poderosas que as lâminas daqueles expoentes da esgrima.

Estou mais do que tocado; estou vencido de reconhecimento e de emoção». Ao último orador, o cap. Frederico Moreira não pôde mais responder. Sentindo que a comoção ia embargar-lhe a voz, pediu ao sr. Raul Leme Monteiro que agradecesse em seu nome. O fidalgo e aristocrata Raul Leme Monteiro atendeu-o, mas sua oração foi um novo hino ao mestre consagrado, com lindas passagens históricas da iniciação esgrimística do Clube de Regatas Tietê. A última oração daquela noite festiva foi proferida pelo ten. cel. José Hipólito Trigueirinho. De improviso, o ilustre oficial superior congratulou-se com a justiça daquela glorificação ao capitão Frederico Moreira e saúda, em nome do Comandante Geral da Força Pública, o Clube de Regatas Tietê, pela efeméride memorável que estava comemorando.

Um torneio de esgrima, entre atiradores masculinos e feminino de tôdas as categorias, iniciado logo após o término das orações gratulatórias, constituiu a segunda parte da homenagem. Meninas de 12 anos — a própria e interessante Cinthia Viggiani, entre elas — senhoritas, rapazes e adolescentes, cheios de vibração e entusiasmo, entre os quais Francisco Antonio Bianco Júnior que, aliás, fez bellissima figura, campeões experimentados da estatura técnica de Raul Leme Monteiro e Paulo Amaral, mediram forças na sala d'armas do Tie-

tê. O espetáculo era emocionante e encantador, cheio de alternativas, rico de lances de apurada técnica. A assistência contemplava-o enlevada e absorta. O cap. Frederico Moreira seguia, passo a passo, o desenrolar da festa, mas, de quando em vez, notava-se que seu pensamento mergulhava nas dobras de um pretérito longínquo, recordando, talvez, os seis lustros de atividades esgrimísticas, ensinando naquela sala, ensinando na Escola da Fôrça Pública, e lembrando, também certamente, os mestres que no casarão da rua Jorge Miranda, ensinaram-lhe a nobre arte. O choque das armas era para o homenageado, também, saudação afetuosa e cara, e êle acompanhava-o e o ouvia enternecido. No cruzar das lâminas de um torneio esgrimístico há notas harmoniosas e palavras eloqüentes. Nem todos podem ouvi-las e compreendê-las. A esgrima e os esportes têm, por vêzes, certa semelhança com a religião. E' preciso crer e amar para entendê-la, para compreender o seu significado e a sua beleza. O cap. Frederico Moreira entendia aquela música e compreendia aquelas palavras que eram novos discursos, tão gratos e eloqüentes à sua acústica e ao seu coração, como as formosas orações da primeira parte da festa.

A noite ia alta, quando terminou o torneio esgrimístico e com êle a encantadora noitada de 1.º de junho, no Clube de Rega-

tas Tietê, dedicada a um grande mestre d'armas. A assistência se retira e cada um abraça, com efusão, mais uma vez, o capitão Frederico Moreira, autêntico astro de primeira grandeza da esgrima paulista e brasileira.

Ser esgrimista, nas priscas eras, era ser grande, era ser nobre. Na idade média e no esplendor renascentista, não se compreendia a educação de um jovem de alta linhagem em que a esgrima estivesse ausente. Nobres e príncipes, senhores feudais e gentis-homens, fidalgos e intelectuais, enfileiravam-se nas famosas academias d'armas, quase todos com títulos de real, para receber ensinamentos. Os mestres d'armas tinham hierarquia especial na sociedade. A maioria trazia a nobreza por ancestralidade e outros conquistavam-na, na disseminação da arte. Tão grande eram os florões da criação da esgrima moderna que, ainda hoje, a Itália, a Espanha, a França e a Alemanha disputam essa honra.

E' muito linda, em verdade, extremamente linda, a história da esgrima. Monarcas e paladinos, cavaleiros e fidalgos deram coloridos especiais às suas páginas. Mestres d'armas da estatura mental e moral de Marozzo, Agrippa, Capoferro, Saint Didier, Liancourt, Caranza, Narvaez, Meyer e seus Maxbruders, os Malevolte que foram figuras centrais da Inglaterra, durante mais de um século;



Barbaseti que encantou a côrte de Viena, com a sua cultura e, mais do que isso, com a sua Academia de Esgrima; Pecoraro, o sabrista exímio, que deu aos húngaros uma técnica primorosa, Pini que fundou a Magistral de Buenos Aires, Giacinto Sanges que foi mestre do coronel Pedro Dias de Campos, Lucien Merignac, com suas famosas «tournées», por todo o mundo, tôda essa falange de notáveis deu à esgrima o carinho das vigílias e um pedestal em que ela repousa e repousará, por direito e por justiça. Desembainhar as famosas «toledanas», verdadeiras jóias de arte e apuro, na defesa dos fracos e dos oprimidos, esgrimir resolutamente por um sorriso da mulher eleita; morrer, radiante, por Deus e pelo rei, eram postulados inalienáveis das ordens da cavalaria que todo fidalgo obedecia, religiosamente com a sua espada, manejando-a, esgrimindo. Não foi menos encantadora a obra dos que disciplinaram o manêjo da espada, os criadores do florete, elaboradores das primeiras regras, os tratadistas que deram à esgrima o caráter desportivo, com seu cunho eminentemente educativo. Na primeira legião, vemos os românticos, os sonhadores. Na segunda, os lenhadores da floresta virgem, abrindo roteiros, para

a edificação do grande edifício esgrimístico.

A esgrima brasileira contou com a dedicação das duas legiões. Sonhadores e românticos, mestres e disseminadores da técnica abriram roteiros à sua caminhada. O capitão Frederico Moreira, pertence a esta última falange. E' um divulgador apaixonado da técnica que conhece profundamente. Sabe ensinar. Trouxe consigo certa instrução que não se aprende nos compêndios, na arte de ensinar. Além do mais, nunca deixou de estudar e observar, resultando de tudo isso volumosa bagagem de conhecimentos que distribuía a mancheias. A Sala d'armas do Tietê — sementeira de campeões — é um dos esteios mais vigorosos da esgrima bandeirante e brasileira e Frederico Moreira merece, sem favor, o alto galardão de artífice máximo daquele centro do nosso esporte fidalgo.

As homenagens ao capitão Frederico Moreira retratam a pujança do Tietê; falam da justiça dos seus dirigentes. Constituem, também, uma página para a História da Esgrima da Fôrça Pública, onde o mestre abalizado e competente passou a sua mocidade e aprendeu os tesouros da técnica esgrimística que amplia todos os dias, na leitura de outros mestres e nas suas constantes investigações.

---

Beber CAFÉ ROCHA é beber O MELHOR CAFÉ

## Corrida da Fogueira

Mais uma vez, a equipe de corredores da Fôrça Pública brilhou no Rio de Janeiro, na tradicional prova pedestre «A Corrida da Fogueira», patrocinada pelo vibrante vespertino carioca «A Noite».

Coube à Escola de Educação Física, como sempre, a missão de treinar e conduzir a turma defensora do renome desportivo de nossa centenária Corporação. Seguiu ao Rio de Janeiro, sob a chefia do 1.º ten. Adérito Augusto Ramos, que teve como auxiliar o sargento Diomedes Mendes Ferreira. Estava integrada pelos corredores: — cabos Lino Rosa Gaia e Paulo Sebastião, ansp. Luiz Bento Ramos, sds. Joaquim Gonçalves da Silva, Floriano Avelino Cordeiro, Benedito Rafael de Andrade, Joaquim Paisim Cavalcanti, Manoel de Andrade Lima, Antônio de Barros, Walfrido José Pereira e José Maria.

Na noite de 23 de junho, às 23,30 horas, perante numeroso público, foi dado o tiro de partida. E então vimos o larga sensacional de mais de mil corredores, empregando todos os recursos físicos, técnicos e morais, na ânsia incontida das primeiras colocações. O espetáculo foi deveras empolgante. A culta e nobre população carioca aplaudia, delirante, os atletas, incentivando-os, a cada passo.

A equipe da nossa milícia foi digna de suas vitórias anteriores, naquela memorável prova que «A Noite» organizou e patrocina, todos os anos, com acentuado devotamento à causa dos desportos nacionais. O veterano Joaquim Gonçalves da Silva, estilista e campeão de vários torneios continentais, foi o primeiro da nossa turma e o segundo dentre mais de mil corredores, entre os melhores do Brasil, seguido de Floriano Avelino Cordeiro que se classificou em 9.º lugar.

A colocação individual da equipe da Fôrça Pública foi a seguinte:—

sd. Joaquim Gonçalves da Silva 2.º lugar  
sd. Floriano Avelino Cordeiro 9.º lugar  
sd. Benedito R. de Andrade 10.º lugar  
cabo Paulo Sebastião . . . . . 11.º lugar  
cabo Lino Rosa Gaia . . . . . 19.º lugar  
sd. Joaquim P. Cavalcanti 31.º lugar  
sd. Manoel de Andrade Lima 32.º lugar  
sd. Antônio de Barros . . . . . 35.º lugar  
sd. Walfrido José Pereira . . . 36.º lugar  
ansp. Luiz Bento Ramos . . . 70.º lugar  
sd. José Maria . . . . . 91.º lugar

Essas classificações conferiram à nossa representação: 1.º lugar das Fôrças Armadas; 1.º lugar das Fôrças Auxiliares; 2.º lugar geral individual e 2.º lugar por equipe.

A guapa rapaziada da Escola de Educação Física, capitaneada pelo maratonista sul-americano Luiz Bento Ramos e pelo

tri-campeão da São Silvestre, Joaquim Gonçalves da Silva, escreveu, lá na encantadora Guanabara, mais uma linda página para a história desportiva da Fôrça Pública. Trouxeram lin-

dos trofeus e virentes louros. Bravos, rapazes! «Militia» vos saúda e se congratula com a Escola de Educação Física e com a Fôrça Pública por tão brilhante feito.

### COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

## COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S. A. sob n.º 47

Escritório e sede central: ( Diretoria ..... 9-2658  
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones ( S. Comercial ... 9-2659  
SÃO PAULO ( S. Técnica ..... 9-2681

### DISCIPLINA ESPORTIVA...

— Socorro! Acuda-me, que estou me afogando!  
— Sinto muito. Não posso nadar. A Federação suspendeu-me por três meses.

---

# CAFÉ — SENDO ROCHA É BOM

---



### APOSTADOR INVETERADO

Um soldado, que estava sempre apostando e geralmente ganhando, era um elemento tão desmoralizante em sua companhia, que o tenente comandante de seu pelotão, depois de tentar em vão corrigir o inveterado jogador, decidiu levá-lo à presença do capitão. Este, depois de interrogar o soldado, chamou o tenente.

— Provei a este soldado aqui que ele pode perder uma aposta — disse o capitão. Perguntei-lhe por que é que está sempre apostando, e ele me disse: “seu capitão, é um hábito que eu tenho, e nunca perco. Sou capaz de apostar agora mesmo que o senhor tem uma pinta no ombro esquerdo!” Ora, como eu não tenho nenhuma pinta no ombro, tirei a camisa, para provar que ele estava enganado. O soldado concordou: tinha mesmo perdido a aposta e me pagou os dez cruzeiros apostados. Acho que desta vez ele aprende!

O tenente ficou calado, tão quieto, que o capitão perguntou: “Que é que há? Não ficou satisfeito?”

— Não, sr. capitão — replicou o tenente. — Quando eu trouxe o soldado à sua presença, ele apostou cinquenta cruzeiros comigo, no caminho, que era capaz de fazer o sr. tirar a camisa dentro de cinco minutos...



Recebemos colaboração de charadas novíssimas, sincopadas, casais, em versos, auxiliares, logogrifos em prosa e em verso e palavras cruzadas.

A correspondência e colaboração deverão ser endereçadas à "Militia" — Secção de Edipo, Avenida Tiradentes n.º 1088.

São adotados nesta Secção, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa e o Breviário do Charadista.

Será sorteado um livro, entre os solucionistas de mais de 50% dos problemas.

As soluções deste número serão aceitas até 31 de dezembro.

### LOGOGRIFO EM PROSA

#### 1 - Ao Rei Sábio

Feliz é o homem que não anda seguindo o conselho do espírito das trevas 2 - 3 - 7 - 5, nem no caminho dos pecadores se detém, nem perence 7 - 1 - 6 - 4 - 5 à roda dos escarnecedores.

Mas o seu prazer está na lei de Deus na qual medita de dia e de noite.

Ele é qual árvore plantada junto às correntes das águas, que em tempo próprio dá o seu fruto, e cuja folha não cai; leva ao fim tudo quanto empreende 7 - 5 - 6 - 7 - 1.

Não é assim o iníquo 8 - 7 - 5 - 3, mas é como a moinha que o vento dispersa.

Contra.

### CHARADAS AUXILIARES

2 —

|          |                           |
|----------|---------------------------|
| + lustre | = célebre                 |
| + ar     | = tanger                  |
| + ão     | = soldado de infantaria   |
| + par    | = espancar                |
| + do     | = terror                  |
| + bo     | = sociedade rudimentar    |
| + bre    | = dinheiro                |
| Conceito | = que tem perimetro igual |

3 —

|          |                                                           |
|----------|-----------------------------------------------------------|
| + loso   | = doce                                                    |
| + lasso  | = relaxo                                                  |
| + fose   | = curvatura da coluna vertebral de convexidade posterior. |
| + dáculo | = defeito moral                                           |
| + lo     | = sem inteligência                                        |
| Conceito | = valor                                                   |

Silvoski.

### CHARADAS NOVISSIMAS

#### 4 - Ao Contra

Não é na poeira que se forja o homem erudito e delicado. 1 - 2.

5 - O deus dos pastores com sua flauta zombava do mandrião. 1 - 2.

Silvoski.

6 - Como a pedra de moer, a intriga, é uma ária que causa enfiado. 1 - 1 - 2.

7 - O deus causou a perda da planta. 1 - 2.

8 - O filho de Noé viu-se em apuros para atravessar o deserto com aquele andar trôpego. 1 - 2.

9 - O professor encontrou a cola, na barba do aluno, amarrada com uma fibra. 2 - 2.

10 - Onde a tripulação desembarcou, encontrou aquele animal preguiçoso. 1 - 1.

Contra.

11 - Não é satisfatório o vaso sem o canudo para tomar chimarrão. 1 - 2.

Onésimo.

### CHARADAS SINCOPADAS

12 - Foi uma surpresa dolorosa encontrar seu noivo nos braços daquela mulher formosa. 3 - 2.

13 - Entre as folhas da planta leguminosa encontrei o ninho da ave. 3 - 2.

14 - Aquele caminho escorregadio era a única saída do bosque. 3 - 2.

15 - Amigo, você deve dispôr de meios para aprimorar sua secção. 3 - 2.

Contra.

### CHARADAS CASAIS

16 - Mulher muito enfeitada se assemelha a desenho ou estampa. 3.

17 - A operação aritmética não é uma simples narração escrita. 2.

Silvoski.

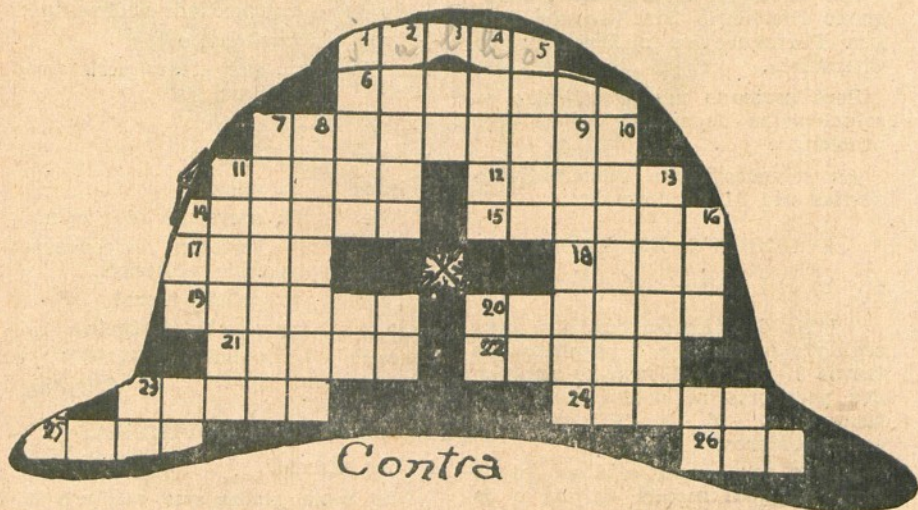
18 - O maior provérbio é a vida. 3.

19 - O licôr mais suave é a cachaça. 2.

20 - O fiscal disfarçado apreendeu a mercadoria do sujeito de baixa estatura. ?

## PALAVRAS CRUZADAS

— PROBLEMA 9 DE JULHO



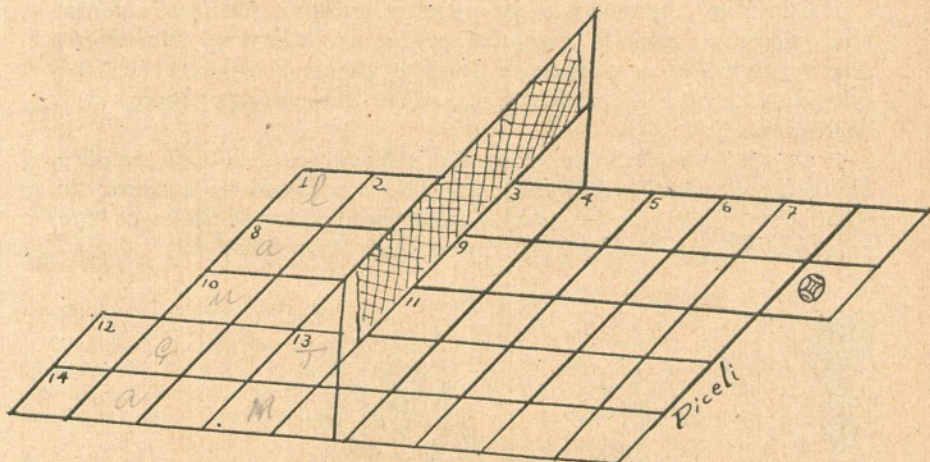
**Horizontais:** 1 - Mês em que se comemora a Revolução Constitucionalista. 6 - Expôr ao sol. 7 - Que tem bondade. 11 - Destruição progressiva. 12 - Madeira escura muito pesada e resistente. 14 - Substância líquida alimentícia (plural). 15 - Unir duas partes separadas. 17 - Tempo do verbo aliar. 18 - Subs-

tância filamentosa de que na Índia se fabrica tecido. 19 - Nome vulgar de obsinto (pl.). 20 - Partes apressadamente. 21 - Nome vulgar de certos peixes marítimos. 22 - Cidade da França à beira do Mosa. 23 - Deteriorado (inv.). 24 - Caçador que Diana metamorfoseou em constelação. 25 - Situação particular. 26 - Pedido de socorro.

**Verticais:-** 1 - Mar que se estende entre a Itália, a Turquia e a Grécia. 2 - Dispõe os fios para tecer. 3 - Antiga moeda portuguesa (sem a última). 4 - Nome grego do espôso de Proserpina. 5 - Serra do Estado da Bahia. 7 - Estacas que marcam

um limite. 8 - Pôz em ordem. 9 - Nome de um herói constitucionalista. 10 - Encrespar os cabelos. 11 - Parte de uma esfera. 13 - Arvore da família das gutíferas. 14 - Protóxido de cálcio. 16 - Qualquer quadrúpede que serve de alimento para o homem. 20 - Artigo. 23 - Artigo.

### Problema "TORNEIO DE INVERNO"



**Horizontais:-** 1 - Campeão. 3 - Guizado de galinha. 8 - Pronome. 9 - Verbo alargar. 10 - Prefixo latino. 11 - Pouco vulgar (pl.). 12 - Que tem côr vermelha. 14 - Dar aspecto de mármore.

**Verticais:-** 1 - Arremessa. 2 - Zumbir. 3 - Viatura. 4 - Nome próprio. 5 - Destruição progressiva. 6 - Irritada. 7 - Costurar. 12 - Preposição. 13 - Teotônio Monteiro.

**Errata:-** No número 8, janeiro-fevereiro, no logogrifo n.º 1, onde se lê vazia 7 - 2 - 8 - 1, leia-se vazia 7 - 2 - 8 - 6 - 1.

#### SOLUÇÕES DO NÚMERO 6

1 - Ambiguidade. 2 - Escrutínio. 3 - Contaminar. 4 - Prognosticar. 5 - Paterno. 6 - Tresmalhado. 7 - Safanão. 8 - Sagacidade. 9 - Paulada. 10 - Nevoso. 11 - Pirajá. 12 - Pintado. 13 - Gaiola. 14 - Galapó. 15 - Erário. 16 - Velocidade. 17 - Armário. 18 - Viúva. 19 - Cavalu. 20 - Fada. 21 - Revólver. 22 - Calígula. 23 - Maroto-mato. 24 - Torpedu-tordó. 25 - Salepo-sapo. 26 -

Parada-pada. 27 - Cortiça-corça. 28 - Carimbo-cabo. 29 - Carlinga-carga. 30 - Japubá-jabá. 31 - Legado-ledo. 32 - Manata-mata. 33 - Cola-o. 34 - Cômoda-o. 35 - Faneca-o. 36 - Feita-o. 37 - Ferra-o. 38 - Máximo-a.

#### PALAVRAS CRUZADAS

##### Problema "O errante"

**Horizontais:-** 1 - Nafe. 5 - Hilo. 6 - Lota (inv.). 7 - Ri. 8 - Az. 10 - Nani. 12 - Gral. 13 - Auto (inv).

**Verticais:-** 1 - Nhapango. 2 - Tia (inv). 3 - Flor. 4 - Eolipila. 9 - Traz (inv). 11 - Nau.

##### Problema Goiás

**Horizontais:-** 2 - Itú. 3 - Piteo. 7 - Ré. 8 - Musas. 9 - Edite (inv). 10 - Roland (s/a última). 11 - Imos. 12 - Te. 13 - Feno. 14 - Unta. 15 - Até.

**Verticais:-** 1 - Fortuitamente. 2 - Impenitente (s/a última). 4 - Eus-tilo. 5 - Aedos. 6 - Soer. 13 - Fuá.

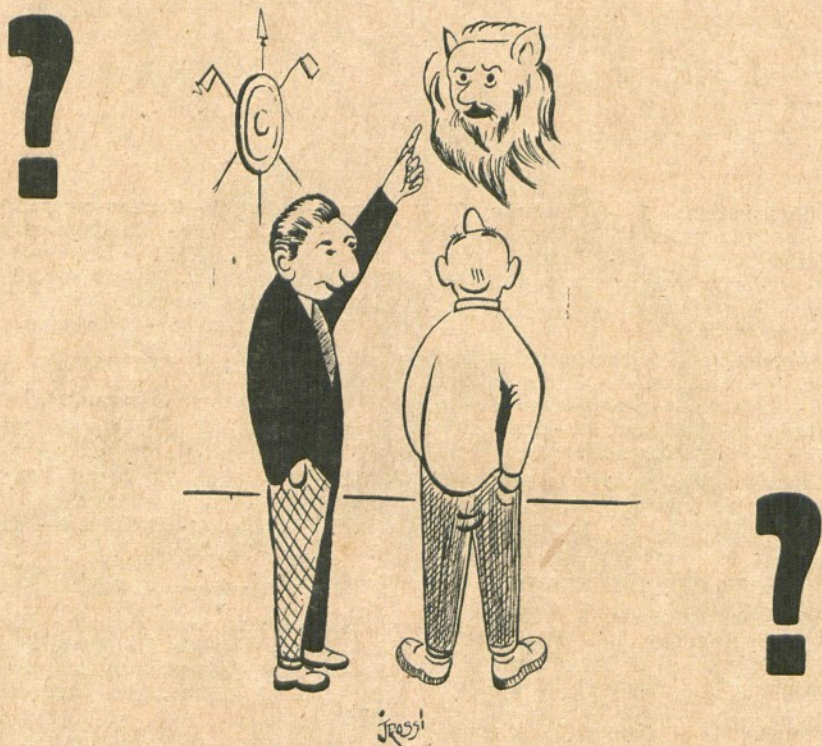
**PREMIADO** - Coube por sorteio um livro ao solucionista Casa Branca.

# Página Humorística

— ESPÍRITO HUMORÍSTICO DOS LEITORES —

Conforme anunciamos no número anterior, "Militia" oferece esta página ao espírito humorístico dos seus leitores. Mande-nos uma legenda que se adapte ao desenho abaixo e concorra aos prêmios de 100, 50 e 25 cruzeiros que serão oferecidos aos textos mais engraçados.

Os textos poderão ser enviados à Redação até 30 de outubro, assinados ou com pseudônimos, segundo a vontade do concorrente. Além dos três textos premiados serão publicados também os que, pelo seu espírito humorístico, merecerem mencionados.



**CAFÉ ROCHA, SEMPRE GOSTOSO!**



# Legislação

## Batalha do Riachuelo

Boletim comemorativo ao maior feito, na história do século, em combates navais, realizado por nossa Marinha de Guerra, a 11 de junho de 1865, na Batalha de Riachuelo. (Boletim de 11 de junho de 1949).

## Caixa Beneficente

Aprova o orçamento da Caixa Beneficente da F.P. do Estado, Dec. 18.525, de 22 de março de 1949. (Bol. Geral n.º 101, de 10-V-49).

## Cancelamento de punições

Baixa normas de como devem ser instruídos os requerimentos sobre cancelamento de punições. (Bol. Geral 137, de 23-VI-49).

## Carteira de identidade

Os elementos da Força que verificarem faltas disciplinares de seus subordinados não lhes devem apreender as respectivas carteiras de identidade, para que eles não venham a transgridir o n.º 70 do art. 13 do R.D. (Bol. Geral n.º 101, de 10-V-49).

## Casa do Sargento

Considera de utilidade pública a "Casa do Sargento de São Paulo" Lei 283, de 17-V-49. (Bol. Geral 109, de 19-V-49).

## Certidão de assentamentos de praça adida

Os assentamentos de uma praça que passe adida a outra unidade, somente para efeito de vencimentos, devem continuar na unidade de ori-

gem. Solução de consulta ao 5.º B.C. (Bol. Geral 118, de 31-V-49).

## Concorrência para aquisição de artigos e execução de obras

O Tribunal de Contas do Estado estabeleceu o seguinte:

I — Nas aquisições diretas de material, tem a administração o direito de, em falta de lei local, seguir o disposto no art. 37 do Dec. Lei Fed. n.º 2206, de 20-V-40.

II — Nos contratos de obras ou serviços, até o limite de Cr.\$ 50.000,00, é direito da administração pautar-se de conformidade com o art. 8.º, "caput" do decreto n.º 8053, de 26-XII-46, e, supletivamente, com o decreto fed. n.º 19549, de 30-XII-30, arts. 1.º, 3.º e 4.º.

## Com outras palavras:

Sem prejuízo dos dispositivos que porventura regerem ou vierem a reger as atividades da Comissão Estadual de Compras — ainda em fase de estruturação — tem a administração a faculdade expressa de fazer aquisições diretas de materiais:

a) — por concorrência administrativa ou simples coleta de preços, para as compras até Cr.\$ 50.000,00;

b) — por concorrência administrativa, para as compras superiores a Cr.\$ 50.000,00 ou até Cr.\$ 150.000,00;

c) — por concorrência pública, para as compras superiores a Cr.\$ 150.000,00.

Quanto às obras ou serviços, serão eles ordenados livremente pelos secretários, até o limite de Cr.\$ 50.000,00, isso mesmo até que a lei

discipline com mais largueza a matéria, isto é, tendo em vista que os limites dentro dos quais se move o arbitrio do Executivo, nessa questão de obras ou serviços, sempre foram maiores que os relativos á aquisição direta de materiais. (Bol. Geral 96, de 4-V-49).

#### Conselho de disciplina

Normas para a elaboração do Conselho de Disciplina. (Bol. Geral 123, de 6-VI-49).

Curso de Sargentos de Transmissões, de Candidatos a Sargentos e de Candidatos a Cabo.

O Dec. 18.603, de 12-V-49 altera disposições dos cursos supra mencionados. (Bol. Geral 112, de 23-V-49).

#### Educação física para oficiais

Autoriza a E.E.F., a organizar um plano de trabalho de educação física para oficiais. Estabelece as bases para a organização desse plano.

Fica a E.E.F. autorizada a ministrar aos filhos de oficiais da Corporação (sòmente meninos de 6 a 12 anos) sessões de educação física infantil, aos domingos das 8 às 9 horas. (Bol. Geral 95, de 3-V-49).

#### Escala de Serviço

Solução de consulta do C.I.M. sobre como deve proceder o oficial ou praça que se sentir prejudicado na escala de serviço e a quem cabe a solução do caso. Como se deve proceder quando os elementos que concorrem à escala forem em número tal que o serviço dado por determinado oficial ou praça venha recair seguidamente em domingos, sábados ou feriados (embora não consecutivos), o que ocorrerá inevitavelmente sempre que o número daqueles elementos se fixar em multiplos de 7.

#### Solução:

a) — em princípio, o meio mais recomendável é o entendimento direto e verbal do oficial com a auto-

ridade escalante. Se mesmo depois desse entendimento, o primeiro continuar julgando-se prejudicado, assiste-lhe o direito de pedido de reconsideração de que trata o § 1.º do art. 76 do R.D.;

b) — a solução do pedido de reconsideração cabe à autoridade escalante, a não ser que a escala tenha sido feita sob orientação ou determinação de autoridade superior, caso em que a esta deve ser encaminhado aquele pedido;

c) — na organização da escala de serviço deve evitar-se tanto quanto possível que o oficial ou praça tendo entrado de serviço num sábado, domingo, feriado ou véspera de feriado, venha a dar, na vez seguinte, serviço semelhante ao dado naqueles mesmos dias;

d) — para os dias considerados de ponto facultativo ou feriados eventuais, aplica-se o disposto na letra anterior (c).

Como orientação apenas, o Comando Geral lembra a conveniência da aplicação de duas escalas, sendo uma normal, para os dias úteis e outra paralela, completamente independente da normal, para os sábados, domingos e feriados, observando-se, no entanto, sempre que possível, o disposto em o n.º 5 do art. 198 do RISG. (Bol. Geral 138, de 24-VI-49).

#### Licença-Prêmio

Faculta a concessão da licença-prêmio aos funcionários públicos que hajam requerido, antes de 25-I-42, a contagem em dôbro do respectivo tempo de serviço. Lei 295, de 1-VI-49. (Bol. Geral 125, de 8-VI-49).

#### Passagem em estradas de ferro

Autoriza a requisição, por conta do Estado, de passagens com direito a cabine ou leito, nos casos previstos no § 1.º do art. 127 e nas letras "a" e "c" do art. 130 do CVV, tôdas as vêzes em que o percurso for igual ou superior a oito horas contínuas de viagem. (Bol. Geral 129, de 13-VI-49).

### Presídio Militar "Romão Gomes"

Organização. Instruções Gerais e Particulares para o seu funcionamento.

As instruções em apreço são minuciosas, compõe-se de 32 artigos inseridos no (Bol. Geral 135, de 21-VI-49).

### Reajustamento Orçamentário

Com a Resolução 241, de 28-IV-49 o Sr. Governador do Estado baixa normas para a elaboração do reajustamento orçamentário do corrente ano. (Bol. Geral 142, de 30-VI-49).

### Trabalho — Dia do

Boletim Comemorativo. No dia 1.º de maio o Comando Geral expediu um boletim comemorativo à grande data da confraternização operária universal — o Dia do Trabalho.

### Tribunal de Justiça Militar da F.P.

Regimento Interno. O B. Geral n.º 120, de 2-VI-49 publica-o em anexo.

### Uniformes

Até que seja possível pôr-se em integral execução o atual plano de uniformes, fica tolerado o uso de calça de brim chumbo com botinas, botas-comando ou sapatos, por sargentos cabos e soldados, com o 6.º uniforme. (Bol. Geral 95, de 3-V-49).

Fica definitivamente suspensa, a partir de 1.º de julho próximo futuro, a faculdade de uso de peças de uniforme do plano antigo, pelos oficiais. (Bol. Geral 137, de 23-VI-49).

Sociedade Comercial de Tecidos

# ARGUIISO LTDA.

FORNECEDORES DA FÔRÇA PUBLICA,  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144 — Caixa Postal, 4062

Fone 6-2397 — End. Teleg. "ARGUIISO" — SÃO PAULO

Beba **CAFÊ ROCHA**, o insuperável

# NOSSOS REPRESENTANTES

— Representam «Militia» nos Estados e Territórios —

(Continuação do verso da contra-capá)

RIO DA JANEIRO, ESTADO DO (Polícia Militar)

— Q.G. (Niteroi) — 2.º ten. Luiz Gonzaga Guerra.

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Pôrto Alegre) — 1.º ten. Renato Moro Ramos.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — 1.º ten. Teseu Domingos Muniz.

SÃO PAULO (Fôrça Pública)

— Q.G. (Capital) — 1.º ten. Sebastião Rufino Freire.

— C.I.M. (Capital) — 2.º ten. Hildebrando Chagas.

— R.C. (Capital) — 1.º ten. Felix de Barros Morgado.

— B.G. (Capital) — cap. Antônio Araujo.

— C.B. (Capital) — 2.º ten. Antônio Gonzaga de Oliveira.

— B.P. (Capital) — 2.º ten. Wilson Rodrigues de Albuquerque

— 1.º B.C. (Capital) — 2.º ten. Darcí Vital dos Santos.

— 2.º B.C. (Capital) — 2.º ten. Wilson Gonçalves Ferreira.

— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 2.º ten. Eros Afonso da Cunha.

— 4.º B.C. (Baurú) — 2.º ten. Aparecido do Amaral Gurgel.

— 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. José Gonçalves da Silva.

— 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Arí José Mercadante

— 7.º B.C. (Sorocaba) — 1.º ten. Domingos de Melo.

— 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.

— S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.

— S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.

— S.F. (Capital) — cap. Germano Ribeiro Scartezini.

— S.I. (Capital) — cap. Manuel Pereira da Silva.

— S.Subs. (Capital) — cap. Efraim Bratfisch Lastebasse.

— E.E.F. (Capital) — cap. Adauto Fernandes de Andrade.

— S.T.M. (Capital) — cap. Nelson Martins da Silva.

— S.S. - H.M. (Capital) — 1.º ten. Geraldo Paglia

— 2.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.

— 3.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 2.º ten. José de Oliveira Godoi.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracajú) — 1.º ten. Osvaldo de Albuquerque.

ALÉM DOS REPRESENTANTES SUPRA MENCIONADOS, também são nossos agentes *todos os comandantes de destacamentos* do interior do Estado.

# NOSSOS REPRESENTANTES

## — Representam «Militia» nos Estados e Territórios —

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — 1.º ten. Milton Braga Rola.

ALAGOAS (Polícia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. José Cavalcante.

AMAPÁ (Divisão de Segurança e Guarda)

— Sede (Macapá) — dr. Flavio de Carvalho Maroja.

AMAZONAS (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros).

— Q.G. da P.M. (Manaus) — ten.cel. Temístocles Henrique Trigueiro;

— Cia. Bombeiros Municipais (Manaus) — 1.º ten. Joaquim José de Carvalho e Cascais.

BAHIA (Polícia Militar)

— Q.G. (Salvador) — cap. Getsemani G. da Silva.

CEARÁ (Polícia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Gerardo Fragoso de Vasconcelos.

DISTRITO FEDERAL (Polícia Militar)

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Darcy Fontenele Castro

ESPÍRITO SANTO (Polícia Militar).

— Q.G. (Vitória) — 2.º ten. Antenor Olívio Plotegher.

GOIÁS (Polícia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — cap. Cláudio das Neves.

MARANHÃO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luiz) — cap. Arlindo Faray

MATO GROSSO (Polícia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — major Gonçalo Romão de Figueiredo;

— 1.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Evarista da Costa e Silva;

— 2ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) cap. Gonçalo Ribeiro da Silva;

— C.C.S do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Eurides Celestino Malhado

— 2.º B.C. (Campo Grande) — major Hermenegildo Teodoro do Nascimento.

PARÁ (Polícia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. Mário Barriga Guimarães.

PARAÍBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 2.º ten. Francisco de Assis Veloso.

PARANÁ (Polícia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — 2.º ten. Benoit Pontes Cidreira;

— Guarda Noturna (Curitiba) — 1.º ten. Floriano José da Costa.

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — cap. Santiago Vasques Filho.

(Continua na pg. 80)

